

## PADRE GONÇALO DE OLIVEIRA — UM DOS PIONEIROS DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

---

Este ano de 1965, por razões excepcionais, vitoriosamente fundamentadas, foi escolhido para data áurea, comemorativa de quatrocentos anos da fundação estaciana da cidadezinha de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia 1 de março de 1965.

Do princípio, tão sómente um arraial, acampamento ou *castra*, para estabelecimento dos combatentes, acabados de desembarcar, para a conquista do espaço guanabarino aos tamoios e franceses confederados. Depois, necessariamente, une-se-lhe um povoado pacífico, civil, sob a proteção do dispositivo militar. Área exígua, apoiada às águas da baía e aos morros estratégicos da Cara de Cão, do Pão de Açúcar e da Urca, que o padre **Antônio de Matos**, reitor do Colégio do Rio de Janeiro, conheceu, de ver e percorrer tudo, e, admiravelmente, nos descreve:

“[Estácio de Sá] locum pro castris delegisse ante ipsum Januarii sinus ostium quam ex parte littoris maritimi duae ingentes claudunt rupes (una Canis Vultus altera Sachareus Panis appellatur); ex parte vero alterius littoris sinuosi scilicet, eodem Canis Vultu et altera rupe usque ad Sachareum Panem decurrente, clauditur. Eo in loco ad planum tentoria seu [no texto *ceu*] mapalia, siccato foeno tecta, disposuere milites; et ex parte littorum sudibus in terram defixis munierunt; nam cætera natura munivit” (1).

---

(1). — De Prima Collegii Fluminensis Januarii Institutione, fl. 6, ap. Serafim Leite, *Conquista e Fundação do Rio de Janeiro*, em *O Instituto*, vol. 90.º, Figueira da Foz, 1936, pág. 76; depois, em *Páginas de História do Brasil*, edição da Companhia Editora Nacional, São Paulo-Rio de Janeiro-Recife, 1937, pág. 221, nota 285.

Observe-se o que diz o irmão José de Anchieta ao padre Diogo Mião, em carta, da Bahia, de 9 de julho de 1965, a respeito do aspecto, que apresenta o jovem povoado e sua céreca, quando daí parte, em 31 de março, para a Bahia, a fim de ser ordenado: “Ao derradeiro dia de março, parti do Rio de Janeiro para esta cidade [Bahia], por mando da

Entanto, em vez de 1965, poderia ter sido escolhido o ano de 1967, e, neste caso, algo além dos

“tentoria seu mapalia, siccato foeno tecta”, isto é, “tendas ou barracos cobertos de capim seco”, referidos pelo padre **Antônio de Matos**, e as “casas de madeira e barro, cobertas com umas palmas feitas e cavadas como calhas e telhas”;

da carta de **José de Anchieta** (2), é possível pequeno surto de progresso, no espaço pouco alongado de um biênio, incluir-se-ia a expansão que **Mem de Sá** lhe há dado, criando e anexando-lhes, auspiciosamente, novo núcleo dêmico no Morro do Castelo. Duas epístolas noticiam, desenvolvidamente, o fato, ambas de 1567: uma do padre **Francisco Gonçalves**; outra do padre **Baltazar Fernandes**:

“...arribaram ao Rio de Janeiro, onde está o governador, acabando a cidade de São Sebastião, a qual, depois de vencer os brasíis e franceses, que, ali, havia, e, feitas pazes, mudou para outro lugar mais forte e mais acomodado, como de lá, mais largamente, escreverão a Vossa Paternidade os nossos, que, aí, residem, onde, segundo nos dizem; está grande porta aberta para a conversão daquela gentilidade, da qual temos notícia ser mais capaz de doutrina do que esta da Bahia” (3); “...e,

santa obediência... Já à minha partida, tinham feito muitas roças em derredor da cerca, plantados [sic] alguns legumes e inhames, e determinavam de ir a algumas roças dos tamoios, a buscar alguma mandioca, para comer, e a rama dela, para plantar; tinham já feito um baluarte mui forte de taipa de pilão com muita artilharia dentro, com quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa de mão, tódas cobertas de telha, que trouxe de São Vicente, e faziam-se outras e outros baluartes, e os índios e os mamalucos [sic] faziam já suas casas de madeira e barro, cobertas com umas palmas feitas e cavadas como calhas e telhas, que é grande defenão contra o fogo” (Cartas Jesuíticas, III, Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Seminões..., 1554-1594, Rio de Janeiro, 1933, págs. 252-253). Vêde, adiante, nota 47, onde damos texto mais extenso da carta.

(2). — Op. cit.

(3). — Padre Francisco Gonçalves, “Annual do Brasil para a Província Toletana e Aragonesa, do anno de 1567”, nas Cartas Jesuíticas, II, Cartas Avulsas, 1550-1568, Rio de Janeiro, 1931, págs. 490-491.

A respeito do texto “...grande porta aberta para a conversão daquela gentilidade...”, confronte-se o que tão sábia e proféticamente escreveu o padre Quirício Caxa, em carta da Bahia, de 13 de julho de 1565, ao doutor Diogo Mirão, provincial da Companhia de Jesus: “...Sómente, digo que cousa em si merece toda ajuda, favor e socorro, porque, por ali, se abre grande porta, para ser o reino de Portugal acrescentado em o temporal e espiritual; e, juntamente, porque não pereçam os que têm postas suas vidas por defensão daquele lugar...” (Cartas Jesuíticas, II, Cartas Avulsas, 1550-1568, Rio de Janeiro, 1931, págs. 452-455). Toda a carta é um precioso documento, no que tange à conquista e fundação da cidade, período estaciano, de 1565.

também, pela [no texto, pola] necessidade que havia de passar êste caravelão a dar rebate às capitanias que acudissem ao Rio com mantimentos, por se começar a sentir falta dêles. Do estado, em que o Rio está, creio que será V. R. sabedor por outras: por isso, não escrevo isso largamente. A soma disso é estar o governador em paz com o gentio da terra, e os franceses estão botados já fora dela, por guerra, ainda que, todavia, não deixam de vir algumas naus ao Cabo Frio a fazer suas fazendas e levar brasil, contra quem não pode ir a nossa armada (ainda que pequena) pelos tempos contrários. Faz, na cidade do Rio, quanto pode. Li, em uma carta, que de lá veio, que havia já nêle 150 e tantos mercadores e que os mais dêles tinham já suas mulheres. A terra é das boas que há no Brasil; tem muito brasil, algodão, e pode ter muito açúcar, como o prantarem (sic), e muito mimento, e muitos legumes, e muitas carnes, como o gado vacum, que já há princípio dêle, e tem muito pescado e bom, e tudo o demais que é necessário pera a vida, está em bom sítio e tem bons ares" (4).

O povoado prospera. Aí se edifica um Colégio dos Jesuítas de que o padre **Manuel da Nóbrega**, além de propulsor, veio a ser o primeiro reitor ou superior (5) e onde acabou a vida, assistido pelo seu companheiro padre **Gonçalo de Oliveira** (6),

(4). — Carta do padre Baltazar Fernandes, de São Vicente, de 5 de dezembro de 1567, nas *Cartas Jesuíticas*, II, *Cartas Avulsas...*, pág. 482-483.

(5). — "Do Colégio do Rio de Janeiro foi o primeiro [reitor] o padre **Manuel da Nóbrega** que o começou a fundamentis e nêle acabou a vida, depois de deixar toda aquela terra sujeita e pacífica, com os índios tamaços sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a el-rei, sendo êle o que mais fêz na povoação dela, porque, com seu conselho, fervor e ajuda, se começou, continuou e levou a cabo a povoação do Rio de Janeiro. Depois, lhe sucedeu o padre Brás Lourenço, português, alguns anos, e a êle o padre Pedro de Toledo, castelhano..." (José de Anchieta, *Cartas, Informação do Brasil e de suas Capitanias*, pág. 327). Cf. **Manuel da Nóbrega**, *Cartas do Brasil*, (1549-1560), edição da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931, pág. 223, e nota 103, pág. 227, a respeito de uma carta, datada de São Vicente, de 1 de junho de 1560, dirigida ao Infante-Cardeal D. Henrique, narrando-lhe que, com a vinda de uma armada de Portugal à Bahia, "se determinou de ir livrar o Rio de Janeiro do poder de franceses, todos luteranos".

(6). — Para a edificação do Colégio, sua expansão e êxitos, sobretudo para a sua dotação pelo Governo do Reino, muito há contribuído o padre **Gonçalo de Oliveira**. Afirma-o Capistrano de Abreu e aprova-o Serafim Leite: "Para os que a [generosidade] estranham, hoje, deu a resposta Capistrano de Abreu, aludindo ao concurso decisivo do primeiro reitor do Colégio do Rio. Como é que Estácio de Sá deixaria de aceder a um pedido de **Manuel da Nóbrega**, transmitido, de mais a mais, pelo padre **Gonçalo de Oliveira**, que lhe estava prestando ali, com os índios aliados, os mais valiosos serviços?" (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo I, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938, pág. 416).

no mesmo dia e mês, em que nasceu, dia de São Lucas, 18 de outubro, no ano de 1570.

A população desenvolveu-se, misturada de português, índios e mamelucos. Data, já dêste ano, ou dos anos próximos, 1568 a 1582, a fundação de um hospital ou misericórdia, como se depreende das expressões “casa de hospital” e “confrades da Misericórdia” que se vêem em **Simão de Vasconcelos** (7) e **Sarmiento** (8). A tais atos de benemerência não são, de jeito algum, estranhos ou o padre **Manuel da Nóbrega**, ou **José de Anchieta** ou **Pero Toledo**. Este último é que respondia por todas as atividades do Colégio dos Jesuítas, do Rio, em 1582, ao tempo da chegada da armada de **Diogo Flôres Valdez**, a propósito da qual se fala em “casa de hospital” e “confrades da Misericórdia”, segundo as fontes bibliográficas que referimos.

Na porta principal, voltada para o mar, do grande templo da cidade, poderemos ver, figuradamente, esta legenda e esta data: “Família SA’... Cidade SA’... 1565...”: **Estácio de Sá**, **Mem de Sá**, **Salvador de Sá**, sobrinho — tio — sobrinho, trio epopeíco da fundação da cidade.

Ao atributo santo da urbe, Sebastianópolis, poderemos juntar esta expressão heróica, bem oportuna. Sápolis. E’ fato digno de ser memorado: Sá de um primitivo Sala, muito frequente no onomástico medieval, parece significar “água” e “povoação junto de água”, como escrevemos em outros lugares (9), onde citamos várias povoações, com este nome, ao pé de correntes de águas ou de lagunas e pântanos.

Família SA’... Cidade SA’... 1565...”. E mais não se distingue. E’ o que pode ler-se. Antes, e depois, letras inelegíveis, que, facilmente, poderão ser repostas. As de antes, pelas mãos dos antropólogos, paleontólogos, arqueólogos e etnólogos. E, na verdade, de 1565 para 1500, vai muito tempo: 65 anos. E há, na região guanabarinha, tamoios e franceses; há uma confederação tamoio-francesa; há português, certamente por aquêles abafados; há os mesmos “tentoria seu mapalia siccato foeno tecta”; há os estratos pré-cabralinos, pegadas das

(7). — **Vida de Anchieta**, págs. 270-271, ap. **Serafim Leite**, **Páginas de História do Brasil**, pág. 205.

(8). — **Relacion de lo sucedido a la Armada Real de su Magt. en este viage del Estrecho de Magallanes**. Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1583, publicada por Pastells, **El descubrimiento del Estrecho de Magallanes**, pág. 586, Madrid, 1920, ap. *id.*, *ibid.*, pág. 205.

(9). — **Onomástica Pré-Romana — O Nome Aveiro**, Aveiro, 1962; **Vocabulário de Entre Douro e Vouga**, volume **Toponomástica Medieval**.

primeiras décadas de quinhentos (10); há já bem impressos, na ciência vulgar de todos, o termo *carioca*, “casa de pedra”, voz pré-indo-européia, por nós já bem estudada (11), trazida de Portugal para o Brasil; há *Rio*; há *Janeiro*, que nós cremos antropônimo, vocábulos ambos por nós estudados nos mesmos lugares. E, assim, em vez de alongar 1565, poderíamos ter recuado esta data. Mas que interessa este ou aquél ponto no infinito do tempo? O que importa mesmo é este balanço majestoso, gigantesco, que se está a realizar, quatrocentos anos de gloriosa vida, quatrocentos anos de evocações sentimentais e intelectivas, quatrocentos anos de vontades e esforços poderosos, desde a cidadezinha infante, menina de berço, à cidade adulta, esplendor de robustez e de saúde, cuja fisionomia ex-

---

(10). — Veja-se, por exemplo, o que dizemos em *Tradicionalismo Arcaico e Provinciano Português na Língua do Brasil*, Lisboa, 1962; etiam, Nelson Costa, op. cit., págs. 9-30.

Mais serôdiamente, sobre Mem de Sá e sua primeira arremetida, em 1560, veja-se uma carta do padre Manuel da Nóbrega, escrita de São Vicente, no dia 1 de junho de 1560, e dirigida ao Infante-Cardeal D. Henrique (Manuel da Nóbrega, *Cartas Jesuíticas*, I, *Cartas do Brasil*, 1549-1560, Rio de Janeiro, 1886, págs. 169-176). Nóbrega acompanhou Mem de Sá na heróica empreza. A armada partiu da Bahia a 16 de janeiro de 1560 e chegou ao Rio, em 21 de fevereiro, mesmo ano. Desta carta de Nóbrega há copiosa bibliografia. Veja-se, v. g., Serafim Leite, op. cit., *O Instituto*, vol. 90º, pág. 72; *Páginas de História do Brasil*, pág. 217. Esta pré-fundação sâana está bem historiada, em documentos coevos. A carta de Nóbrega, sobretudo, é fonte das mais informativas, e nela sobressai este estímulo, no termo: “Parece muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nêle outra cidade, como a da Bahia, porque, com ela, ficará tudo guardado, assim esta capitania de São Vicente como a do Espírito Santo, que, agora, estão bem fracas, e os franceses lançados, de todo, fora, e os índios se poderem melhor sujeitar, e para isso, mandar mais moradores que soldados... a fortaleza [de Coligny], que se desmanchou, como era de pedras e rochas, que cavaram a picão, facilmente se pode tornar a reedificar e fortalecer muito melhor”. Veja-se, outrossim, tocante ao mesmo assunto, uma carta do irmão José de Anchieta, do mesmo dia, mês e ano, súmilmente escrita de São Vicente, dirigida ao padre-geral (*Cartas Jesuíticas*, III, 1554-1594, Rio de Janeiro, 1933, págs. 144-160); outra do padre Rui Pereira, escrita da Bahia, aos padres e irmãos da Companhia, da Província de Portugal, datada de 15 de setembro de 1560; e outra, ainda, escrita por comissão do padre Brás Lourenço, escrita do Espírito Santo, no dia 10 de junho de 1562, dirigida ao padre-doutor Tôrres, em que é dito: “Este ano passado, depois [sic] que o governador Mem de Sá destruiu a fortaleza [de Coligny], no Rio de Janeiro, [1560], foi esta capitania mui combatida dos franceses”. Tocantemente ao forte de Coligny, veja-se a carta do irmão José de Anchieta, de 1 de junho de 1560, acima citada, pág. 157.

(11). — *Tradicionalismo Arcaico e Provinciano Português na Língua do Brasil*, Lisboa, 1962; e *Onomástica Pré-Romana — Fontes do Vocabulário Comum*. As bases pré-européias *cal(l)* — e *car(r)* —. Cf. algumas considerações interessantes, tanto de *carioca* como de *Rio de Janeiro*, do ponto de vista etimológico, em Nelson Costa, *O Rio através dos Séculos*, Rio de Janeiro, 1965, págs. 9-30.

prime bem forte que há de viver milênios, como a intelectuálissima Atenas, a soberana Roma e a navegadora Olisipo.

\*  
\* \* \*

Na pugna epopéica, de característica bem lusíada, pela conquista do espaço guanabarino aos tamoios e franceses confe-derados, e na fundação e primeiro povoamento da cidade, devem ser consideradas, além da figura heróica do jovem **Estácio de Sá**, capitão-mor da expedição, as figuras exponenciais dos padres jesuítas **Manuel da Nóbrega**, **José de Anchieta** e **Gonçalo de Oliveira**.

De **Manuel da Nóbrega** (12), **José de Anchieta** (13) e **Gonçalo de Oliveira** (14), de suas vidas missionárias e santas, ajuda de cada um na sujeição da terra, fundação e povoamento da cidade, assistência moral e material aos seus habitantes e outras altas virtudes, há vultosas informações históricas, e, sobre-tudo, depositadas em abundante correspondência epistolar, tro-cada entre diversos padres da Companhia de Jesus, de que exis-tem vários volumes, em separado, de cartas de **Nóbrega** e de cartas de **Anchieta**, e, em conjunto, de cartas avulsas, em edições da Academia Brasileira de Letras, de **Serafim Leite**, etc. **José de Anchieta** é, também, autor de vasta e apreciada obra literária.

Do padre **Gonçalo de Oliveira** apenas são conhecidas duas epístolas, ambas escritas por comissão: uma por comissão do padre **Manuel da Nóbrega**, segundo as palavras textuais, datada de São Sebastião do Rio de Janeiro, de 21 de maio de 1570, dirigida

“Ao mui Reverendo em Cristo Padre, o Padre Francisco de Borja, Nosso Padre Geral da Companhia de Je-sus. Em Roma”;

outra, por comissão do padre **Brás Lourenço**, datada de 9 de novembro de 1573, que se encontra arquivada na Biblioteca Nacional de Lisboa. Dêle existe, outrossim, uma “Informa-

- 
- (12). — Chegado ao Brasil com o governador Tomé de Sousa, em 1549. Morreu em 18 de outubro de 1570. Viveu 21 anos no Brasil.
- (13). — Chegado ao Brasil em 1553, com outros jesuítas, entre êles o padre Luís da Grã. Morreu em 9 de junho de 1597. Viveu 44 anos no Brasil.
- (14). — Desconhece-se o ano de sua chegada ao Brasil. Encontra-se, aí, em 1552, e já na Companhia de Jesus. Morreu em 1620. Viveu, mesmo contando-se de 1552, 68 anos no Brasil, vida longa demais para lhe prestar os mais relevosos serviços.

ção", prestada à Companhia, a que se liga uma célebre "Resposta", do padre **José de Anchieta**. Estes documentos são, abaixo, transcritos integralmente. A propósito das duas epístolas do padre **Gonçalo de Oliveira**, diz o padre **Serafim Leite**, de São João da Madeira, concelho e freguesia limítrofe de Santa Maria de Arrifana, concelho da Feira, donde é natural o padre **Gonçalo de Oliveira**, um e outro jesuítas, e o primeiro muito conhecido jesuitólogo:

"Os reitores do Colégio do Rio de Janeiro gostavam de utilizar os seus préstimos e facilidade para a correspondência" (15).

São freqüentes estas palavras de aprêço e de simpatia de um jesuítas santa-mariano, dêsse século, por um jesuítas santa-mariano do século XVI.

A carta do padre **Gonçalo de Oliveira**, de 21 de maio de 1570, é transcrita, totalmente, pelo padre **Serafim Leite** (16).

O eminentes jesuítas, opondo-se ao exagero de **Ferdinand Denis** (17) e de **Arthur Heulhard** (18), tangentemente ao papel que elas atribuem aos jesuítas na vitória sobre os franceses e tamoios e fundação da cidade, diz que:

"Sem chegarmos aos exageros dos historiadores franceses, é certo que a iniciativa, intervenção e laboriosidade dos padres foi preponderante e decisiva"; e que "Três merecem especial referência: **José de Anchieta**, que esteve no arraial, o primeiro mês, levou informações a **Mem de Sá** (19), e assistiu ao embate final; **Gonçalo de Oliveira**, capelão-militar da praça, companheiro de **Estácio** e assistente dos indios, todo este tempo, desde o primeiro dia até ao último; enfim, **Manuel da Nóbrega** que, antes, e durante a conquista, atendeu, com energia e providência de chefe, para que nada faltasse aos combatentes e se mantivesse bem desperta a coragem e confiança geral no triunfo definitivo. Nóbrega foi o verdadeiro animador desta gloriosa emprêsa" (20).

(15). — Páginas..., pág. 140.

(16). — Ibid., págs. 142-146.

(17). — Brazil, I, 77.

(18). — Villegaignon Roi d'Amérique, pág. 112, citado por **Morales de Los Rios**, Subsídios para a História da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, in Revista do Instituto, tomo especial do Congresso de História (1914), parte I, pág. 1172.

(19). — Serafim Leite baseia-se, é óbvio, na epistolografia jesuítica do tempo.

(20). — Páginas..., págs. 227-228.

Que terá havido não sei, para que o insigne jesuíta, capelão-militar do arraial de guerra guanabarinho e, também, epis-tológrafo, embora de modestas medidas, comparativamente a Nóbrega e Anchieta, com êstes, entanto, formando trio sem-pre, tenha sido tão feiamente olvidado. Que mal terá êle feito a algumas publicações que tinham o dever de ser mais infor-mativas? (21). Que mal terá êle feito às autoridades adminis-trativas da cidade, aos seus prefeitos, às suas secretarias de educação e de turismo, às entidades máximas da historiografia carioca, para que o seu nome não fôsse ainda dado a um lo-gradouro público da urbe maravilhosa?

Esta negligência vem, fatalmente, e mui inditosamente, de mais longe. O conselheiro Balthazar da Silva Lisboa num rela-to que fêz

“das pessoas distintas que ajudaram a fundação e edificação do Rio de Janeiro”, embora declare que “acom-panharam a Estácio de Sá e a seu tio Mem de Sá, gover-nador-geral do Estado, muitas pessoas distintas de que é razão recordar as suas virtudes às vindouras gentes”,

não menciona o prestimoso jesuíta santa-mariano (22).

O padre Pero Rodrigues, devotado anchietista, ainda que o vejamos muito preocupado sempre, em elevar ao máximo a figura de seu biografado, que, já da primeira infância, se ele-va, não esfuma, de modo algum, as qualidades excelsas de seus companheiros. Do padre Gonçalo de Oliveira, nobre filho de Arrifana de Santa Maria da Feira, nascido entre 1527 e 1535, com mais probabilidades, em 1535, e falecido, em 1620, dá esta notícia minuciosa:

“...partiu esta frota da barra da Bertioga, no ano se-  
guinte de mil e quinhentos e sessenta e cinco; a vinte de  
janeiro, dia de São Sebastião, que logo, ali, tomaram por  
capitão de emprêsa, e padroeiro da cidade, e orago da sé  
que, depois, se edificou; iam seis navios grandes, e nove  
canoas de guerra, com muitos índios cristãos e gentios

(21). — Observe-se, por exemplo, a Grande Encyclopédia Portuguêsa e Brasileira, obra nova, que surgiu, a fim de superar outras anteriores sui generis. Nem no volume XIX, nem no Apêndice, volume XL, se faz menção ao operoso padre Gonçalo de Oliveira; veja-se, no Brasil, agora mesmo, Carlos Sarthou, Relíquias da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1965, onde, na página 7, o padre Gonçalo de Oliveira deveria aparecer na companhia de Manuel da Nóbrega e de José de Anchieta.

(22). — Extrato dos Annaes do Rio de Janeiro, tomo I, capítulo VII, na Revista Trimestral de História e Geografia..., tomo IV, Rio de Janeiro, 1863, págs. 318-330.

amigos, e outros naturais, filhos de portuguêses, todos esforçados e exercitados naquele modo de pelejar [no texto peileijar], em canoas, além da principal gente portuguêsa dos navios, mandou com êles o padre **Manuel da Nóbrega** ao padre **Gonçalo de Oliveira** [no texto Gonçallo do Liveira] e ao Irmão **José** [no texto Joze; dito Irmão Joze, porque, neste tempo, **José de Anchieta** ainda não se havia ordenado], ambos sabiam a língua da terra para confessar, consolar e animar a tôdas as canoas; tomavam, cada dia, terra com que o padre [**Gonçalo de Oliveira**] tinha lugar de dizer missa, de ordinário, e confessar aos que tinham devoção, desta maneira chegaram às Ilhas que estão perto da barra do Rio, no princípio de março, por virem esperando pela nau capitânia, neste lugar começou Deus Nossa Senhor a mostrar que era servido se povoasse esta terra, e, depois, o confirmou com favores extraordinários, que, no sucesso da guerra, aconteceram. O caso foi que, vinham, nesta frota de socorro, muitos índios da Capitania do Espírito Santo, que dista oitenta léguas do Rio para a Bahia e, por falta de mantimentos, determinavam de se ir, secretamente, em suas canoas para suas casas, o dia seguinte, porque a nau não chegava, nem os barcos, que, por ordem do Capitão-mor, tinham ido a buscar provimento à mesma Capitania do Espírito Santo; nisto, quis Deus que o padre [**Gonçalo de Oliveira**] e o Irmão [**José de Anchieta**], sem saberem o que determinavam, os foram buscar e visitar, a quem êles descobriram seu desenho [o mesmo que designio], mas o Irmão **José** os consolou, dizendo que fiassem em Deus, que ao seguinte dia, lhes mandaria remédio. Estando nesta prática, senão quando aparecem três barcos do Espírito Santo, com provisão do necessário, e, no dia seguinte, pela manhã, apareceu a nau capitânia, com que os índios ficaram espantados, e deram muitas graças a Deus e se determinaram ajudar, naquela emprêsa, aos portuguêses, e, desta maneira, tôda a frota entrou no Rio em uma maré, e se recolheram pela banda da mão esquerda da barra em uma enseada de trás de um penedo altíssimo, a que chamam o Pão de Açúcar, donde se diz, agora, a Cidade Velha; durou esta conquista alguns anos, com guerra contínua, muita fome e outros apertos.

Viviam os homens como religiosos, confessando-se e comungando, a miúdo, pelejavam com grande ânimo, com a confiança em Deus, à sombra de seu Capitão, que, de esforço e virtude, era a todos um vivo exemplo, e, assim, lhe metia Deus nas mãos insignes vitórias, porque, com serem os nossos muito poucos, assim portuguêses como índios, umas vêzes, com alguma perda, e outras sem ne-

nhuma, ordinariamente levavam o melhor dos tamoios, ainda que soberbos e confiados nas vitórias passadas e em sua multidão, e nos arcabuzes dos franceses que os acompanhavam. Dos nossos saravam muitos de frechadas mortais com pouca cura, e a outros dava o pelouro no peito nu, e, como se fóra de prova lha caía aos pés, como aconteceu a **Luís de Almeida**, e a um índio de São Vicente, que pelejava nu da sua canoa, conforme a seu costume, por nome **Marcos**, e a outros; algumas vêzes, deram os imigos [inimigos] assalto na cidade, que não era mais que uma cerca de pau a pique e casas de palha, e uma delas (23), ajuntando-se muitos imigos [inimigos], estava o padre [Gonçalo de Oliveira] junto do altar, de gio-lhos [joelhos], e as frechas, que vinham, de mais alto, passavam o telhado de palha e se pregavam no chão, ao redor dêle, sem lhe tocarem. Os soldados defendiam a cerca e, de quando em quando, alguns chegavam à Igreja, e, vendo o padre [Gonçalo de Oliveira] naquela postura, cercado de frechas, cobravam ânimo, e tornavam ao combate, com mais esforço, até que, de todo, faziam fugir os imigos" (24).

O padre **Antônio Franco** que escreveu uma biografia introdutória às cartas de **Nóbrega** (25) apresenta a mesma trindade jesuítica: **Nóbrega — Oliveira — Anchieta**:

"Nesta armada, mandou o padre **Nóbrega** a dous nossos, o padre **Gonçalo de Oliveira** e Irmão **José [escrito Joseph] de Anchieta**" (25).

Biógrafo completo do padre **Gonçalo de Oliveira**, de Arri-fana da Feira, é o seu vizinho, quase portas com portas, o padre **Serafim Leite**, de São João da Madeira. Dêle se ocupa o distinto jesuitólogo, várias vêzes, em trabalho aqui já referido (27), e em outros de que falaremos adiante. Documento valiosíssimo, tocantemente aos primeiros anos da cidade do Rio de

(23). — Pequena casa-igreja, da evocação de São Sebastião, o primeiro templo dêste culto e, certamente a primeira ecclesiola, ou grilô, católica, da cidadezinha do Rio de Janeiro. Vêde notas 35 e 37.

(24). — *Vida do Padre José de Anchieta*, nos Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, "conforme a cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa", Rio de Janeiro, 1909, págs. 181-287, capítulo XI, "Da Conquista do Rio de Janeiro pelo Capitão-mor Estácio de Sá e depois pelo mesmo Governador Mem de Sá", págs. 212-214.

O texto foi por nós totalmente modernizado.

(25). — Publicação da Academia Brasileira de Letras, edição já referida. Vêde nota 5.

(26). — Pág. 53.

(27). — *Páginas de História do Brasil*, ed. cit., págs. 137-146, 220 e 222.

Janeiro é uma carta que publica, integralmente, que se encontrava inédita, que diz pertencer ao número das cartas por comissão e que é, verdadeiramente, histórica (28). A carta é assinada por **Gonçalo de Oliveira** e foi escrita conforme as suas palavras textuais, como, acima, dissemos, por comissão do padre **Manuel da Nóbrega**. E' datada de 21 de maio de 1570. E dirigida

“Ao mui Reverendo em Cristo Padre, o Padre Francisco de Borja, nosso Padre Geral da Companhia de Jesus. Em Roma”.

A cidade estaciana tinha, pois, ao tempo, apenas cinco anos de idade, a contar das

“tendas e barracos cobertos de capim seco”.

O núcleo dêmico, fundado por **Mem de Sá**, no Morro do Castelo, tinha, sómente, três anos. E, assim, o bom padre **Gonçalo** narra, modestamente, ao padre-geral da Companhia, **Francisco de Borja**, que

“Tudo o que, ainda agora, dêste Rio de Janeiro se pode escrever a Sua Paternidade, em comparação das muitas e boas novas que doutras partes lhe irão, se pode chamar mais fruta verde e imperfeita, que outra coisa”.

Pudera não! Uma cidade-meninazinha de três ou cinco anos. Tôda a carta está cheia de valiosas informações históricas e deverá ser lida pelos estudiosos da história guanabarrina. Aí, se narra o número de padres do Colégio do Morro do Castelo: **Manuel da Nóbrega**, **Fernão Luís Carrapeto**, e êle; velhice e doenças de **Nóbrega**, que veio a morrer, daí a cinco meses, em 18 de outubro; casamento de **Martim Afonso Arribóia** com uma mameluca, filha de branco,

“com muito contentamento de tôda a gente assim portuguêsa como temiminó”;

descrição da festa de casamento:

“Ao dia em que haviam de casar, veio êle, com tôda a sua potência, da sua aldeia, mui galante por mar, em seis canoas grandes e bem equipadas de gente luzida, com grande festa; e da cidade saiu o capitão com tôda a gente a aguardá-lo ao pôrto; e, dai, o trouxe à Sé, onde ouviu missa e recebeu o Santíssimo Sacramento da mão do

Vigário, que os recebeu com tôda a solenidade; e, depois disso, o foi embarcar o capitão, com tôda a cidade, mandando disparar algumas peças de artilharia; foram alguns portuguêses acompanhá-los com suas mulheres até à aldeia, onde tinha grande banquete aparelhado e se deu fim às festas”;

subtilezas usadas pelo Capitão-mor **Salvador Correia de Sá** em conceder ou fazer demorar as pazes que

“pela bondade de Deus começam os tamoios a pedir”;

relato de grandes chuvas que fizeram apodrecer os mantimentos, em prejuízo de brancos, e de índios

“que pôs a terra em algum aperto de fome... porém, como é este Rio fértil não se sentiu tanto quanto se sentia em outras partes”.

Por este pouco, se avalia quanto é rico o conteúdo da carta. Tanto, tanto, tem já o Rio de três ou de cinco anos para contar! E, assim, de tão longe, a vida de cada dia, os dias somados aos dias, os meses somados aos meses, os anos somados, eis como chegamos a explicar a exuberância do gênio carioca de hoje!

Após apreciar a matéria da carta, diz o seu biógrafo:

“O padre Gonçalo de Oliveira, redator desta carta, prestou grandes serviços ao Brasil e é uma das figuras interessantes dos primeiros tempos prejudicada com a publicação de dois papéis de caráter íntimo, sobre os seus bens e profissão religiosa, que esclarecemos agora (29). Natural de Arrifana de Santa Maria, distrito de Aveiro, Gonçalo de Oliveira deve ter ido cedo com a família para o Brasil, pois, ao entrar lá na Companhia de Jesus, em 1552, era apenas de 17 anos de idade. Desde o começo, é assinalado como conhecedor da língua brasílica. Assistiu como intérprete à conquista do Rio de Janeiro, animando os combatentes e o próprio chefe índio, de quem se conservou amigo, e se vê pelo teor desta carta. Era já sacerdote e permaneceu no Rio, durante tôda a campanha, mesmo quando Anchieta, seu companheiro, teve que ir à Bahia para se ordenar...” (30).

---

(29). — Esses papéis acham-se em José de Anchieta, Cartas, edição referida, págs. 457-465. Damo-los, abaixo.

(30). — Pág. 139.

Seguem-se várias páginas, sobre a vida do operoso jesuíta. Na pág. 220, a respeito de um passo do padre **Leonardo do Vale**, historiador e grande língua, natural de Trás-os-Montes, que, também viveu, no Brasil, no século XVI:

“A maior parte dos índios, que a armada levou consigo, a povoar o Rio, são os nossos discípulos de Piratininga, os quais têm tanto conhecimento do amor, com que a Companhia os trata, e trabalha por sua salvação, que, com terem bem que fazer em defenderem suas casas e sabendo que se apregoava guerra contra êles, sofreram deixar suas mulheres e filhos e repartirem-se por favorecer a armada, que, sem êles, mal só podia povoar, e lá andam” (31) —

escreveu:

“Para lhes assistir e os animar, seguiram o padre **Gonçalo de Oliveira** e o irmão **José de Anchieta**. Anchieta ia-ser o cronista da expedição”.

Na pág. 222, diz:

“Resolveu Nóbrega enviar à Bahia o irmão Anchieta, para se ordenar. Ao mesmo tempo, informaria Mem de Sá da situação do Rio de Janeiro e da necessidade de vir reforço para a conquista efetiva. O socorro só havia de chegar em 1567. Anchieta partiu no dia 31 de março de 1565 (32). Daí em diante (22 meses), Gonçalo de Oliveira trabalhou, incansavelmente, no Rio de Janeiro, com brancos e índios; e de São Vicente ia enviando Nóbrega outros companheiros ao Padre Oliveira, e os ia revezando, por vêzes, “com ocasião de sacerdos que mandava, freqüentemente, ao refresco, canoas e índios, animando-os e consolando-os” (33).

\*

\* \* \*

São tão poucos os documentos coevos da fundação da cidade, tão poucos os nomes conhecidos dos que atuaram na conquista da região guanabara, e na fundação da cidade, até nos estudos especiais, a respeito do assunto, como, por exemplo, **Balthazar da Silva Lisboa**, acima referido (34), que não devemos preterir o nome fulgente do padre **Gonçalo de Oliveira**,

(31). — *Cartas Avulsas*, edição referida, pág. 451.

(32). — *Cartas*, ed. cit., págs. 252-253.

(33). — *Simão de Vasconcelos, Chrónica da Companhia de Jesus*, III, 86.

(34). — Vêde nota 22 e texto correspondente a esta nota.

que sempre anda acompanhado, como mostramos, apoiados em fontes históricas fidedignas, das figuras heróicas, abnegadas, dos padres **Manuél da Nóbrega** e **José de Anchieta**.

Têm já os seus nomes ligados a logradouros públicos e a povoações os jesuítas **Manuel da Nóbrega** e **José de Anchieta**.

Esta homenagem, que eu saiba, não foi ainda tributada ao operoso jesuíta **Gonçalo de Oliveira**.

Fui, há dias, informado que este assunto é de competência da Secretaria de Turismo e que está à sua frente um homem, coração e espírito, inteiramente devotados às belas causas. Será o que vou lembrar-lhe uma bela causa? Creio que sim, e que, sendo realização de muito coração e de muito espírito, não custa, talvez, dinheiro algum aos cofres públicos.

Lembrava ao Senhor Doutor Leoberto Castro Ferreira, Digníssimo Secretário de Turismo, o seu interesse e atuação, dentro dos trâmites próprios, no sentido de que possa, sob o atual, elevado espírito do IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro, vir a ser dado, ainda este ano, a um logradouro público, mesmo modesto, o nome virtuoso, que tão altas qualidades, aqui expostas, recomendam, do capelão militar, linguista, epistológrafo e co-fundador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, padre-jesuíta **Gonçalo de Oliveira**:

\*

\* \* \*

Em estudo mui recente, de 1961, faz o padre **Serafim Leite** luminosa síntese, bem curtida de experiência, do que, anteriormente, havia escrito, em relação aos cinco grandes fundadores da cidade: o capitão **Estácio de Sá**, o padre **Manuel da Nóbrega**, o padre **Gonçalo de Oliveira**, o irmão, e, depois, padre **José de Anchieta**, e o governador **Mem de Sá**. A Espada aliada à Cruz, para a dilatação do Mundo e a expansão da Fé.

A figura central da narrativa é, como se lê, o padre **Gonçalo de Oliveira**, que o padre **Serafim Leite** considera o quarto capelão-militar (o terceiro foi o padre **Manuel de Paiva**, outro dúrio-vaucense, de Águeda, onde nasceu, por 1509), que serviu à Armada de **Estácio**, e, depois, à cidade-criança do Rio de Janeiro. E a sua abnegada missão, como comunica ao capitão-mor, em requerimento, já datado da pequenina urbe, de 1 de julho de 1565, se cumpre

“com próspero sucesso e boa mão direita, que Deus deu à povoação do dito Rio” e que “edificou uma casa-

igreja da evocação de São Sebastião (35), da sobredita Companhia de Jesus".

E esta ação se heroiza e se santifica, pelos sacrifícios delongados de dois anos, no teatro da luta, pela conquista da região guanabarinha, fundação da cidade sâana e assistência moral e religiosa aos seus primeiros habitantes. Diz o padre **Serafim Leite**:

"...O quarto capelão-militar foi **Gonçalo de Oliveira**, na armada de **Estácio de Sá**, e na fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565. Enviou-o **Nóbrega**, dando-lhe como companheiro o irmão **José de Anchieta**. Por este segundo ainda não ser padre, e **Gonçalo de Oliveira**, grande língua. **Anchieta**, ao fim de um mês, recebeu mandado de **Nóbrega** para se dirigir à Bahia, a fim de se ordenar sacerdote. O padre **Gonçalo de Oliveira** celebrava missa e administrava os sacramentos aos brancos, mamelucos e índios. A 1 de julho de 1565, quatro meses depois do desembarque, num requerimento ao capitão-mor, **Estácio de Sá**, datado do Rio de Janeiro, élle, "Gonçalo de Oliveira, da Companhia de Jesus", diz que está ali enviado por **Nóbrega**, e "com próspero sucesso e boa mão direita, que Deus deu à povoação do dito Rio, edificou uma casa-igreja da evocação de São Sebastião, da sobredita Companhia de Jesus".

Um serviço de bergantins assegurava as comunicações do Rio de Janeiro com São Vicente, donde **Nóbrega**, que tomara esta emprésa como sua, enviava o refôrço de um ou outro padre para algum descanso de **Gonçalo de Oliveira**, durante dois anos. Um dos padres, **Vicente Rodrigues**, esteve presente a um dos mais renhidos combates, o assalto das cem canoas, no dia 9 de julho de 1566. Em 1567, chegou à Guanabara a Armada do governador **Mem de Sá**, e deu-se o arranque final ao estabelecimento da cidade. Na Armada, vieram da Bahia, além do bispo **D. Pedro Leitão**, os padres **Inácio de Azevedo** [visitador] e **Luís da Grã** [provincial], com o fim de visitar a Província e se encontrarem em consulta com o padre **Nóbrega**, na capitania de São Vicente.

Com êles vieram outros padres, entre os quais, recém-ordenado, **Anchieta**. Todos poderiam ter exercitado ministérios sacerdotais no Rio de Janeiro. Não vinham, porém, com o ofício de capelães-militares. Vinham com o fim de consultar **Nóbrega**, em São Vicente, para **Inácio de Azevedo**, aí, concluir e acertar o que tocava ao seu

ofício de visitador. Não, assim, o padre **Antônio Rodrigues**, que, também, veio da Bahia, na armada, a tomar conta dos índios guerreiros, e a quem **Mem de Sá** confiou os que embarcaram na capitania do Espírito Santo, padre que, de fato, ficou na Guanabara, em vez de **Vicente Rodrigues**, que seguiu com o visitador para tomar parte na consulta de São Vicente. Tais são os capelães-militares, do tempo de **Nóbrega**, nesse período histórico, brilhante e decisivo, em que, verdadeiramente, se lançaram as bases da nacionalidade brasileira. Verifica-se que êles estão em conexão imediata com as três grandes fundações da Bahia, São Paulo e Rio. Não faltaria, depois, aqui e além, um ou outro padre a quem se aplicasse bem o título de capelão-militar, e não apenas da Companhia de Jesus. Mas o espírito heróico e simples do período nobreguense, só no século seguinte, durante a resistência contra a invasão holandesa, se iria manifestar com idêntica pujança e significado" (36).

Este estudo (37) do padre **Serafim Leite** deverá ser incluído nas coletâneas que, tanto no Brasil como em Portugal, es-

(36). — **Nóbrega e os outros primeiros Capelães-Militares do Brasil**, na revista **Brotéria**, vol. LXXIII, 1961; e separata, págs. 10-11.

(37). — Este estudo, e outros do eminentíssimo jesuitólogo, tais como: **Conquista e Fundação do Rio de Janeiro**, em **O Instituto**, vol. 90º, Figueira da Foz, 1936, págs. 72-83, melhorado, um ano depois, em **Páginas de História do Brasil**, São Paulo-Rio de Janeiro-Recife, 1937, págs. 217-228; e **História da Companhia de Jesus no Brasil**, sobretudo os tomos I-II, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938, e III, Rio de Janeiro-Lisboa, 1943.

Nesta mui densa e preciosíssima obra, podem ver-se numerosas referências ao laboriosíssimo padre Gonçalo de Oliveira, algumas delas não mencionadas em trabalhos, aqui indicados, do mesmo autor.

Tomo I: pág. 162, tocantemente a suas saídas da Companhia, e reentradadas; 232, lutas com índios inimigos; índios batizados; 277, ações suas confundidas com as de outros jesuítas; 311, catequese aos piratininangos; 385, conquista da região guanabarina e fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; 389, id.; 391, fundação, em 1565, por sua iniciativa, de uma casa-igreja, da evocação de São Sebastião, no Rio de Janeiro; 394, coadjutor do Colégio do Rio de Janeiro, em 1567...; 398, carta de 1570; 402-403, pequena biografia; 409, dotação do Colégio do Rio; 413, id.; 416, id., onde se lê êste precioso texto, nobre testemunho de sua operosidade e prestígio: "Para os que a [generosidade] estranham, hoje, deu a resposta Capistrano de Abreu, aludindo ao concurso decisivo do primeiro reitor do Colégio do Rio. Como é que Estácio de Sá deixaria de aceder a um pedido de Manuel da Nóbrega, transmitido, de mais a mais, pelo padre Gonçalo de Oliveira, que lhe estava prestando ali, como os índios aliados, os mais valiosos serviços?"; 418, procurador do Colégio do Rio de Janeiro, em 1573; 424, edificador da igreja da nova aldeia de São Lourenço e "seu primeiro apóstolo e que nos dá também dela, em 1570, as primeiras notícias"; 425, autoria da Anua de 1573; 454, sua presença, em 1560, em Pernambuco, ampliando, como os seus companheiros, o edifício primitivo do Colégio; 478-479, id., sua presença em Pernambuco; 496, id.; 574, nota biográfica; 209, 232, 238, 262, 309, 311, 317, 395, 424, 425, 435, referências bibliográficas.

tão a ser elaboradas, de escritos referentes à cidade do Rio de Janeiro, fundação simbólica de 1565, primeiro povoamento, e sua fulgurante vida através dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

Não é, realmente, pouco o que o século XVI pode fornecer. Basta que se considerem os escritos epistolares de que, até agora, se encontram, editados, como, acima, dissemos, vários volumes, edições da Academia Brasileira de Letras, do padre **Serafim Leite**, etc. E extraordinariamente rica é, posteriormente, a historiografia do século XVII.

Pobríssimo é, na verdade, o que tem vindo a lume, até ao momento, já em livros, já na imprensa, pertinentemente ao Rio de Janeiro dêstes dois séculos, XVI-XVII. No número dos mais distintos historiadores da cidade, que vão ao seu início mais remoto, conta-se **Vivaldo Coaracy** (38) que não esquece o laborosíssimo jesuíta **Gonçalo de Oliveira** (39). E, igualmente, justiça se faça, **Nelson Costa** (40), muito minucioso no que tange ao Rio de Janeiro de 1500 a 1565. Vê-se, aí, também, que o padre **Gonçalo de Oliveira** assistiu à morte heróica e santa de **Estácio de Sá**.

O que, na verdade, vem sendo mais equilibrado é o século XVIII. O que êstes séculos (XVI-XVIII) têm inspirado a menos têm os séculos posteriores (XIX e XX) inspirado abundantemente e faustamente. Nós mesmos separamos do poeta analfabeto português, de Macieira de Cambra, **Manuel de Almeida Coelho Margarida**, que viveu quase toda a vida no Brasil e, aí, morreu, por nós redescoberto e estudado desenvolvidamente, algumas poesias sobre o Rio de Janeiro, de 1870 a 1880, entre elas duas de tom festivo: uma, a respeito do tricentenário da morte de Camões; e outra, acerca do Carnaval de 1877, nar-

Tomo II: pág. 128, a respeito do Rio de Janeiro; 132, a respeito de Pernambuco; 189, nota bibliográfica; 264, *id.*; 451, reingresso na companhia; 463, a respeito das doenças de Nóbrega (cf. carta de 21 de maio de 1570); 474, nota bibliográfica; 479, *id.*; 484, *id.*

Tomo III: pág. 449, a respeito da morte de Nóbrega a que assistiu, como antes, em 20 de fevereiro de 1567, à de Estácio de Sá.

(38). — *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1965.

(39). — A êle se refere nas páginas 404, 408 e 480. Nesta última, vê-se impressa a gravura de um quadro de Antônio Parreiras, que se encontra no Palácio Guanabara, com a seguinte legenda: "A Morte de Estácio de Sá. Gravemente ferido por flecha tamoia no combate, que se travou no hoje chamado Outeiro da Glória, morre, em 20 de fevereiro de 1567, na casa rústica em que viveu no Morro da Cara de Cão, o Fundador da Cidade, assistido pelo padre Gonçalo de Oliveira".

(40). — *O Rio através dos Séculos*, nova edição de *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1965. Na pág. 23, vê-se símil referência ao mesmo padre Gonçalo de Oliveira, acerca da morte de Estácio de Sá.

ração longa e de muito denso realismo, talvez a poesia carnavalesça, do século passado, mais rica e saborosa de permenores, e que jamais foi reeditada, mesmo pelos estudiosos da festa-rainha da Cidade Maravilhosa: **Wilson Lousada, Eneida, etc.** Também, não se vê nas recentes antologias quatrocentenárias, v. g., na de **Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade**, tida como obra modelar, não sei por quê.

\*  
\*   \*

Nas comemorações do IV Centenário (1565-1965) da fundação estaciana da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, deverá considerar-se como figura centralizante, do mesmo alto relêvo que **Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Estácio de Sá e Mem de Sá**, o abnegado capelão-militar, primo-rosa língua e epistológrafo, padre-jesuíta **Gonçalo de Oliveira**, português, natural de Arrifana de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro.

A mesopotâmia dúrio-vaucense há dado ao Brasil dois dos maiores colaboradores das fundações de duas das suas maiores cidades: São Paulo e Rio de Janeiro: padre **Manuel de Paiva**, natural do município de Agueda, onde nasceu por 1509, entrando, já padre, na Companhia de Jesus, em 18 de julho de 1548, e que chegou ao Brasil, em 1550, um ano após **Manuel da Nóbrega** e três anos antes de **José de Anchieta**, na armada de **Simão da Gama de Andrade**, onde morreu, no Espírito Santo, em 21 de dezembro de 1584, 34 anos de vida gloriosa, consagrada à terra brasileira (41); e **Gonçalo de Oliveira**, do concelho da Feira, que, em 1552, com 17 anos, já se encontra no Brasil, ano em que entrou para a Companhia de Jesus, e, em terra brasileira, viveu mais ou menos 70 anos, até 1620, data em que morreu, existência muito longa, tôda de excelsos serviços prestados ao Brasil, especialmente ao Rio de Janeiro, na conquista da região guanabara, fundação da cidade e assistência moral aos seus primeiros íncolas, portugueses, índios e mamelucos.

---

(41). — Vêde o meu estudo **O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral, Introdução, a respeito da Fundação de São Paulo**, no *Jornal do Comércio*, de 7 de março de 1954, onde damos, também, o vulto homérico de **João Ramalho**, outro douro-vouguense nascido em Vouzela e chegado a terras de São Paulo por 1508.

Preparamos, no momento, outro estudo: "Padre Manuel de Paiva, um dos Pioneiros da Fundação da Cidade de São Paulo".

Os escritos do tempo apresentam-no em constantes ações, sempre na companhia de **Estácio de Sá, Manuel da Nóbrega e José de Anchieta**.

Vejamos, entre outros documentos, uma carta do padre transmontano, também posseiro de uma grande fôlha de serviços prestados ao Brasil quinhentista, **Leonardo do Vale**, já, acima referido, como fonte do padre feirense **Gonçalo de Oliveira**, escrita de São Vicente, a 23 de junho de 1565:

Não se contentou com isto a Divina Liberalidade, porque não foi em o repartir de seus tesouros olhar o pouco merecimento dos homens, mas, segundo a sua misericórdia, o faz com êles, como, agora, fêz com a armada em o povoar do Rio de Janeiro, do qual, nesta, é excusado falar, pois está lá o padre **Gonçalo de Oliveira**, que, como testemunha de vista, o poderá bem contar. Mas é notório a todos serem tantos e tão evidentes os milagres que se viram na fundação dêste negócio e nos combates, que houve, que podem já esquecer os da Índia e África, e assim se mortificarem e quebraram tanto os ânimos dos inimigos que do muito que lá o Senhor obra, em favor dos nossos, redunda a esta capitania não pequena parte da bonança de que já começa a gozar, vendo-se algum tanto desapressada das muitas angústias de que de tôdas as partes esteve cercada" (42).

Em uma carta do padre **José de Anchieta** ao padre **Diogo Mirão**, da Bahia, de 9 de julho do mesmo ano, vê-se:

"Ao derradeiro dia de março, parti do Rio de Janeiro para esta cidade (43), por mando da santa obediência... Já à minha partida, tinham feito muitas roças em derredor da cerca, plantados [sic] alguns legumes e inhames, e determinavam de ir a algumas roças dos tamoios a buscar alguma mandioca, para comer, e a rama dela, para plantar; tinham já feito um baluarte mui forte de taipa de pilão com muita artilharia dentro, com quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa de mão, tôdas cobertas de têlha, que trouxe de São Vicente, e faziam-se outras e outros baluartes, e os índios e os mamalucos [sic] faziam já suas casas de madeira e barro, cobertas com umas palmas feitas e cavadas como calhas e têlhas, que é grande defensão contra o fogo. Os tamoios andavam se [sic] ajuntando para dar grande combate na cerca; já

(42). — *Cartas Jesuíticas, II, Cartas Avulsas, 1550-1568, Rio de Janeiro, 1931*, pág. 448.

(43). — O padre José de Anchieta refere-se à sua viagem à Bahia, a fim de, aí, ser ordenado padre. Veja-se, adiante, texto de Simão de Vasconcelos.

havia dentro do Rio (44) oitenta canoas, e parece-me que se ajuntariam perto de duzentas, porque de tôda a terra haviam de concorrer à ilha, e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e balroarem a cerca; mas os nossos tinham já grande desejo de chegar àquela hora, porque desejavam e esperavam fazer grandes cousas pela honra de Deus e do seu rei, e lançar daquela terra os calvinos (45), e abrir alguma porta, para a palavra de Deus entrar os tamoios (46): todos viviam com muita paz e concórdia; ficava com êles o padre **Gonçalo de Oliveira**, que lhes dizia, cada dia, missa, e confessava e comungava a muitos para a glória do Senhor" (47).

Tôda a carta é um documento preciosíssimo para o estudo da conquista da Guanabara e fundação da cidade carioca. Do mesmo jeito, uma carta de 13 do mesmo mês e ano, de **Quirício Caxa**, da Bahia, dirigida ao mesmo padre-provincial **Diogo Mirão** (48).

Um grande historiador da emprêsa epopéica de **Estácio de Sá** e de seus colaboradores **Nóbrega, Oliveira e Anchieta** é **Simão de Vasconcelos** de que extraímos os fatos seguintes:

"Em São Vicente, achava-se já o capitão-mor **Estácio de Sá**, com sua armada preparada, e prestes, seis navios de guerra, alguns barcos ligeiros, e nove canoas de mesticós (49) e índios. Com êstes mandava o padre **Nóbrega** dois religiosos, **Gonçalo de Oliveira** e **José** [no texto *Ioseph*] de **Anchieta**, pera [sic] animá-los, e dirigi-los em uma e outra língua, em que eram peritos... Juntas já as embarcações, entraram tôdas a barra do Rio de Janeiro (50), salta em terra a infantaria, e começa a fortificar-se com trincheiras, e fossos, no lugar onde, depois, chamarão Vila Velha (51) junto a um penedo altíssimo, que, pela forma, se diz Pão de Açúcar, e outra penedia, que, por outro lado, cercava, com que ficavam, em parte, defendidos... **José** [no texto *Ioseph*], e seu companheiro.

- 
- (44). — Baía de Guanabara. Vêde o que dizemos, a respeito de rio, em textos medievais e quinhentistas, em *Tradicionismo Arcaico e Provinciano*...
- (45). — Em outros documentos, são os franceses tratados por luteranos e herejes. Vêde, por exemplo, nota 5.
- (46). — Observe-se o verbo entrar como transitivo direto. Cf. nota 50.
- (47). — *Cartas Jesuíticas*, III, *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões...*, 1554-1594, Rio de Janeiro, 1933, págs. 252-253.
- (48). — *Cartas Jesuíticas*, II, *Cartas Avulsas*, ed. cit., págs. 452-455.
- (49). — Dito mamalucos ou mamelucos noutros escritos.
- (50). — Veja-se à nota 46, acérca do verbo entrar.
- (51). — Referência à fundação estaciana. Velha em oposição a nova, a fundação de Mem, no Morro do Castelo.

**Oliveira** faziam práticas aos soldados europeus, não acostumados a tal modo de guerra... Aqui, refere o padre **José de Anchieta** um caso tido por milagroso naquele arraial. Estava, no tempo do combate, referido, na igreja, pôsto em oração, o padre **Gonçalo de Oliveira**, encorrendo a Deus o sucesso (qual Moisés, o dos filhos de Israel) era esta [igreja] feita de palma (52); e, como as frechas [sic] vinham de alto, trespassavam o teto e lados; e foi cousa admirável, que, sendo em grande quantidade, ficaram tôdas a redor do padre, pregadas no chão, sem que alguma delas lhe tocasse. Viram isto os que recorriam, de quando em quando, à igreja, e, espantados do sucesso, que tinham por milagre, cobravam novo ânimo pera [sic] tornar à guerra (53)... Neste tempo, foi chamado... pera a cidade da Bahia, o irmão **José de Anchieta**, a ordenar-se de ordens sacras... acudiu o padre **Manuel da Nóbrega** ao arraial com outros companheiros, pera o padre **Gonçalo de Oliveira**, os quais revezava, por vêzes, com ocasião de socorros, que mandava, freqüentemente, ao capitão-mor, e soldados de refresco, canoas, e índios, animando-os e consolando-os, com suas cartas, a levar por diante a empreza que entendia era de Deus" (54).

O fato milagroso, que se atribui ao padre **Gonçalo de Oliveira**, vem, similmente, descrito em **Pero Rodrigues**, a que já nos referimos acima (55). A respeito de **Estácio de Sá**, diz o mesmo jesuitólogo **Simão de Vasconcelos**:

"Deve o Rio de Janeiro a êste capitão eternas saudades, por cujo sangue goza a liberdade em que, hoje, se vê. Foi varão merecedor da nobreza de seus antepassados, lustre de sua descendência, e exemplar de conquistadores valerosos. Sobrinho foi do governador **Mem de Sá**, mas foi herdeiro de seu valor, e cristandade, sofredor de todos os trabalhos; e, na pureza, inteireza de vida, e de seu ofício, exatíssimo..." (56).

À dignidade de superior de que se encontra investido o padre **Gonçalo de Oliveira** põe alguns reparos o historiador cearense **Capistrano de Abreu** (57):

(52). — Veja-se a nota 1.

(53). — Veja-se nota 23, onde damos texto do mesmo assunto do padre **Pero Rodrigues**.

(54). — **Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil...**, Lisboa, 1663, Livro III, Ano do Senhor, 1567, Ano da Companhia 28, págs. 337... 347.

(55). — Vêde nota 22.

(56). — **Op. cit.**, pág. 359.

(57). — Com apoio no que vê nas **Cartas Jesuíticas**, III, págs. 480-481.

“No ano seguinte de 64 [1564], consumiu Nóbrega, e, portanto, seu imprescindível auxiliar, em organizar a emprésa de **Estácio de Sá** mandado, sem recursos suficientes, a fortificar o Rio de Janeiro, abandonado, depois da derrota dos franceses, em 1560. A armada, quase inteiramente devida aos seus esforços, o provincial juntou dois jesuítas: **Gonçalo de Oliveira**, sacerdote e **José de Anchieta**, irmão (58). A este quis fazer superior, mas cedeu às suas observações e, à despedida, perante a comunidade, declarou: o padre, por ser sacerdote, será superior, mas lembrar-se-á, pois o irmão foi seu mestre, do respeito e reverência que lhe deve ter e de tomar seus conselhos” (59).

\*  
\*      \*

Este pequeno estudo, sobre o padre jesuíta **Gonçalo de Oliveira**, de Santa Maria de Arrifana da Feira, capelão-militar, excelente língua, desde muito novo, e brilhantíssimo epistológrafo, que 70 anos viveu no Brasil, a glorioso serviço da terra brasileira, é extrato de um trabalho mais vasto (60), que iniciamos, em Lisboa, em dezembro de 1964, de que demos notícia à imprensa portuguêsa e que, infelizmente, não pudemos terminar, ficando por consultar arquivos onde sabemos existirem valiosos documentos, muitos delles inéditos, como, por exemplo, uma carta do próprio **Gonçalo de Oliveira**, escrita por comissão do padre **Brás Lourenço**, de 9 de novembro de 1573, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa. Com certeza plena, não sabemos se o padre **Serafim Leite** dela apresenta, pelo menos, fragmentos. E' possível que sim.

Como matéria nova, daremos, adiante, vários documentos, entre êles uma carta de **José de Anchieta** ao padre-geral, escrita de São Vicente, a 1 de junho de 1560; outra do padre **Rui Pereira** aos padres e irmãos da Companhia, da Provincial de Portugal, da Bahia, a 15 de setembro de 1560; outra do mesmo, para os padres e irmãos da Companhia em Portugal, no ano de 1561, a 6 de abril. Nas três cartas, há excelentes referências ao padre **Gonçalo de Oliveira**, como intérprete, missionário e, sobretudo, sua ação em Pernambuco com o padre **Ditio**, a pedido da governadora da capitania, viúva **D. Beatriz**. Trans-

(58). — Ainda não ordenado sacerdote.

(59). — *Cartas Jesuíticas*, III, *Introdução*, pág. 13. Este comentário de Capistrano de Abreu deve ser lido, após o texto das *Cartas Jesuíticas*, III, págs. 480-481.

(60). — *O Rio de Janeiro no Século XVI. Fundação e Primeiro Povoamento*.

creveremos, outrossim, na íntegra, a sua famosa carta, datada do Colégio do Rio de Janeiro, de 21 de maio de 1570, dirigida ao padre-geral **Francisco de Borja**, em Roma; assim como a "Informação" por élle dada, a fim de entrar na Companhia, donde estava despedido, desde entre 1573 a 1583 (61) e "Resposta", do padre **José de Anchieta**, a respeito do assunto. Estes dois últimos documentos são muito delicados e devem ter prejudicado, gravemente, o prestígio do grande brasilista, co-fundador da cidade do Rio de Janeiro. Tinha enriquecido muito e precisava de ser pobre, a fim de entrar na Companhia, e, como diz o padre **José de Anchieta**, em sua "Resposta",

"não se atrevendo a largar o seu, sem certa esperança do que pedia".

E que foi extremamente rico mostra-o, claramente, **Fernão Cardim** (62), como se veio, definitivamente, a averiguar (63):

"Aos 3 de janeiro [de 1584], partimos o padre-visitador, padre-provincial e outros padres e irmãos. Fomos, aquela noite, agasalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que, depois, entrou nela. Fomos servidos de várias iguarias com todo bom serviço de porcelanas da Índia e prata, e o mesmo sacerdote servia à mesa com grande diligência e caridade. Todo o dia seguinte, estivemos em sua casa, e, à tarde, nos levou a um rio caudal, que estava perto, mui alegre e fresco, e, para que a água, ainda que era fria e boa, não fizesse mal, mandou levar várias cousas doces tão bem feitas, que pareciam da Ilha da Madeira. Ao dia seguinte, depois da missa, nos acompanhou até à aldeia, e, no caminho, junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves e caças. Enquanto comemos, os índios

(61). — Vêde o que o padre Serafim Leite diz a respeito: "O padre Gonçalo de Oliveira que tinha saído da Companhia, quando tornou a entrar nela, em 1584, fez doação da sua fortuna ao Colégio da Bahia. Mas, tornando a sair, em 1590, ou 1591, foram-lhe restituídos "todos os seus bens com aumento", (História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938, tomo I, livro II, cap. III, pág. 162). Cf. abaixo, notas 65, 94, 99.

(62). — Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica... desde o ano de 1583 ao de 1590, edição de Lisboa, 1847, págs. 29-30, 78-79; ou Tratados da Terra e Gente do Brasil... Rio de Janeiro, 1925, págs. 302, 337 e 393, e nota XL.

(63). — Rodolfo Garcia, Alcântara Machado e Serafim Leite, em informes que, adiante, daremos.

pescaram alguns peixes... Também, os frautistas [sic] nos alegraram, que, ali vieram receber o padre" (64).

Por este tempo, aparece já, de novo, na Companhia, o que está de acordo com a sua própria "Informação", e com a "Resposta", do padre **José de Anchieta**, de que, acima falamos (65):

"Neste tempo [1584], foi admitido, na Companhia, um sacerdote já homem de dias que nela tinha vivido perto de 30 anos. E, havendo um ano que o padre-visitador o dilatava, não querendo aceitar sua fazenda, nunca quis entrar sem fazer, primeiro, a doação pública ao Colégio de tôda a sua fazenda, escravaria, terras, vacas, e móvel que valeria tudo, passante de oito mil cruzados; e não quis aceitar ser provisor e adaião da sé, que o sr. bispo lhe mandou aceitasse, sob pena de excomunhão" (66). "O tom com que estão redigidas" a "Informação", do padre **Gonçalo de Oliveira**, e a "Resposta", do padre **José de Anchieta**, observa muito bem o jesuitólogo padre **Serafim Leite**, "fazia prever nova saída, que, de fato se deu, pouco depois, antes de 21 de setembro de 1591".

Narra tudo que sucedeu **Marçal Beliarte**. Mas, ainda bem

"tornou a entrar na Companhia; por último, e definitivamente, cumprindo-se, assim, as suas esperanças, em 1610",

como noticia o seu conterrâneo quatrocentão o mesmo eminente padre **Serafim Leite** (67), admitido no Colégio de Pernambuco, onde entregou a alma a Deus, em 1620, com a idade, não bem averiguada, entre 85 e 93 anos (68). Idade bonita.

(64). — *Tratados...*, pág. 302-303. Cf. 393.

(65). — Vêde notás 61, 94, 99.

(66). — *Tratados...*, pág. 337. A respeito dos dois textos, confronte-se o que é dito nos Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. XIX (1897), págs. 65-67; Rodolfo Garcia, op. cit., edição referida, nota XL; e Alcântara Machado, em *Cartas Jesuíticas*, III, págs. 459-462, nota 660, sobretudo o trecho: "Confrontando as palavras de Cardim com as declarações de Anchieta e do próprio Gonçalo de Oliveira, verifica-se que este, novamente recebido na Companhia, nos últimos dias de outubro ou primeiros de novembro de 1584, partiu, a seguir, com o visitador Anchieta, Cardim e outros jesuítas para o sul. Quando a comitiva esteve, pela segunda vez, no Rio de Janeiro, de volta de São Vicente. [primeira metade de 1585] Gonçalo de Oliveira fez os votos simples, conforme relata Anchieta na "Resposta". Aí, passou alguns anos, tornando, em seguida à Bahia, onde escreveu sua "Informação" [que damos adiante], destinada, certamente, ao padre Marçal Beliarte, que era, por essa época, o provincial".

(67). — *Páginas...*, pág. 141.

(68). — "A Anua de 1620, que descreve a morte edificante do padre Gonçalo de Oliveira, ocorrida, nesse ano, no colégio de Pernambuco faz recuar o seu nascimento para 1527, com dar-lhe à data da morte, 93 anos de idade". (*Ibid.*, pág. 142).

Cerne de lei. O carvalho íbero não estranha a nova terra. Firma-se rijo no solo. No grupo dos cinco fundadores da cidade é o que estende mais longe os braços da vida. **Estácio de Sá** foi até perto; 1567 levou-o. **Manuel da Nóbrega** finou-se em 1570. **Mem de Sá**, em 1572. **José de Anchieta** ficou ainda bem distante; o céu o chamou em 1597. **Gonçalo de Oliveira** ainda chegou a abrir, folgadamente, as portas do novo século. E vinte dilatados anos êle o empurrou para a frente, a bem do Brasil.

\*  
\* \* \*

Do mesmo modo que o padre **Manuel da Nóbrega** e o padre **José de Anchieta**, o padre **Gonçalo de Oliveira**, que, nos escritos do tempo, como várias vezes, temos referido, anda sempre associado aos dois, não limita a sua ação missionária ao espaço guanabarinho, à conquista da região e à fundação da cidade do Rio de Janeiro. E' luz assistencial, voz conselheira, herói e santo do Brasil inteiro, como **Nóbrega** e **Anchieta**. Boníssimo e operantíssimo sacerdote e capelão-militar, língua capaz dos mais capazes, a sua presença torna-se necessária, aqui e além, nas várias capitâncias, ao centro, ao norte e ao sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, São Vicente, etc. Os documentos coevos testemunham algumas das suas viagens.

O padre **José de Anchieta** narra um belo episódio de sua vida missionária, tocantemente a um índio, que estava a ser catequizado, de que transcrevemos parte:

“...instruído [êle, índio], pois, pelos irmãos [da Companhia] foi advertido que se oferecesse, com bom coração, às injúrias que os índios lhe fizessem. No seguinte dia, foi levado a outro lugar, e o seguiu o padre **Afonso Brás**, à tarde, e os irmãos **Manuel de Chaves** e **Gonçalo de Oliveira**, intérpretes. Perguntando-lhe, depois, o irmão **Gonçalo**, que tomou o cuidado de o instruir, como o haviam tratado, respondeu: “Uma vez, sòmente, me deram uma punhalada, mas recordando-me das tuas palavras, não a senti”. Tomaram, então, os irmãos a seu cargo de o instruir, mais perfeitamente, na Fé, e defendê-lo dos que lhe quisessem fazer algumas injúrias que, naquele tempo, costumavam fazer aos moços...” (69).

---

(69). — *Cartas Jesuíticas*, III..., “Carta ao padre-geral”, escrita de São Vicente, a 1 de junho de 1560, págs. 154-155.

De sua estada, na Bahia, fala o padre **Rui Pereira**, em carta aos padres e irmãos da Companhia, da Provincial de Portugal, escrita da mesma Bahia, a 15 de setembro de 1560:

“A 29 de agosto, chegou a esta Bahia o padre **Luís da Grã** (70), em companhia do senhor governador, [Mem de Sá], com cuja vinda fomos tão consolados que não sei com que palavras o possa explicar. Trouxe consigo quatro irmãos línguas, scilicet: **Gonçalo de Oliveira**, **Gaspar Lourenço**, **Antônio de Sousa** e outro irmão noviço que se chama **Baltazar** [no texto Balthezar] **Gonçalves**, dos quais os três primeiros estão, agora, para se ordenar...” (71).

Por esta carta de **Rui Pereira**, sabemos que o irmão **Gonçalo de Oliveira** ainda não havia sido ordenado em setembro de 1560. Estava, entanto, na Companhia, desde 1552, e, aí, morreu, no ano de 1620. Esteve, porém, alguns anos, despedido dela. Pouco a pouco se vai construindo tôda a biografia do nobre filho de Santa Maria de Arrifana da Feira e emérito carioca e brasiliense (72).

Outra carta de **Rui Pereira** narra a sua presença em Pernambuco, os perigos, por que passou, até chegar aí, os seus trabalhos de doutrinação aos índios e aos escravos, porque ele é “o doutor das gentes” e “língua”:

“Ao presente, residimos o padre **Gonçalo de Oliveira**, o padre **Ditio** e eu [Rui Pereira] nesta capitania de Pernambuco. A causa de nossa vinda a esta terra foi escrever a senhora dona **Breatiz** [sic], governadora desta capitania e o mais povo ao Reino, estando nós ainda lá, e pedirem, com muita instância, que, para sua consolação e doutrina, da qual careciam, havia dias, lhe mandassem alguns da Companhia, e, porque o padre **Luís da Grã** detriminou (sic) de prover tôdas as Capitanias, detriminou [sic] de prover, primeiro, a esta, pois, com mais instância, o pediu, e porque já havia nela princípio de casa e igreja, por nela haverem, algum tempo, residido o padre **Nóbrega** e, em especial, o padre **Antônio Pires**... Aqui, neste pôrto, detrás da ponta de Jeraguai (73) tivemos o Natal. Estando aqui, iam, cada dia, à terra buscar aguada e frutas [sic] e vinham os índios a bordo trazê-las, e, uma vez que foi à terra o padre **Gonçalo de Oliveira** e outros, segundo os sinais, que viam, houveram

(70). — Chegou ao Brasil em companhia de **José de Anchieta**, em 1553.

(71). — *Cartas Jesuíticas*, II, *Cartas Avulsas*, edição referida, pág. 269.

(72). — A respeito do mesmo assunto da carta de Rui Pereira, veja-se *Simão de Vasconcelos, Chronica da Companhia de Jesus*, ed. cit., de 1663, II, n. 89.

(73). — A caminho da Bahia para Pernambuco.

de ser presos ou frechados [sic] dos índios. Louvado seja o Senhor que os livrou (74)... Depois que viemos, começamos a chamar a escravaria à doutrina, aonde acodem muitos, **maxime**, aos domingos e dias santos, nos quais dias se enche a igreja até à porta, e apenas cabem os escravos machos. Vêm, uma meia hora andada da noite, sem os chamarem, com campainhas nem com outras coisas, senão por sua vontade ou seus senhores os mandarem, aos quais o padre **Oliveira** faz, outra vez, a doutrina, porque ele é o doutor das gentes... Nossa intento é não sómente entender com os brancos e seus escravos, senão, também, com o gentio, e, por essa causa, veio cá o padre **Gonçalo de Oliveira**, língua, sabendo nós os dias passados como, em uma aldeia de índios, nossos amigos, queriam matar e comer um contrário, me fui lá com três línguas dos melhores da terra e com outros (por o padre **Oliveira** não poder lá ir por estar doente dos olhos)...” (75).

Da presença do padre **Gonçalo de Oliveira**, muito cedo, em São Vicente, anteriormente à fundação do Rio de Janeiro, informa o padre **Serafim Leite** (76).

Em 1565, vemo-lo, ainda, aí, donde partiu, como já escrevemos, para a conquista da região guanabarinha, onde colaborou, cerca de dois anos, na fundação da cidade estaciana e sebastianina, tendo assistido à morte de **Estácio de Sá** (77). Atinentemente ao mesmo assunto, é, também, fonte **Simão de Vasconcelos** (78).

Em 1567, acha-se, de novo, em São Vicente.

Em 1568, estava, outra vez, no Rio de Janeiro, como narra o mesmo **Simão de Vasconcelos**:

(74). — A respeito do espírito de abnegação dos padres e irmãos da Companhia, de sua preparação para as missões, da criação de bons línguas para a catequização, dos perigos a que estavam sujeitos, sacrifícios tantos que chegavam a ir, por vezes, até ao martírio, contando-se entre os jesuítas grandes missionários, como Pero Correia, João de Sousa, Domingos Pecorela, Antônio Rodrigues, Gaspar Lourenço, Adão Gonçalves e “todos que se dão sem contar, Manuel Chaves, Gonçalo de Oliveira, Leonardo do Vale, Antônio de Sá... Fôra mister repetir a lista...”, veja-se Afrânio Peixoto, na “Introdução” às *Cartas Jesuíticas*, II, *Cartas Avulsas*, Rio de Janeiro, 1931, pág. 17.

(75). — *Cartas Jesuíticas*, II, *Cartas Avulsas*, págs. 281-282. “Carta para os padres e irmãos da Companhia em Portugal, a 6 de abril de 1561, que foi dia de Páscoa”.

(76). — *Cartas dos Primeiros Jesuatas do Brasil*, II, 1553-1558, págs. 67, 104, 287, 461.

(77). — Vêde nota 39.

(78). — Op. cit., II, n. 91-92.

“Ao som do aviso não desmaiou o valoroso [no texto valeroso] índio: pôs, logo, em cerca de valos e estacadas sua aldeia, e, recolhendo, sómente, os que eram de guerra, e os padres da Companhia Gonçalo de Oliveira e Baltasar [no texto Baltasar] Alvares [no texto Alvres], que com êles estavam, mandou sair toda a gente inútil a lugares seguros, e esperou com grande coração e esforço o inimigo” (79).

A respeito dêste pequeno trecho, escreveu **Alcântara Machado**:

“No ano seguinte [1568], já tornado [o padre Gonçalo de Oliveira] ao Rio de Janeiro, se encontrava com o padre Baltazar Alvares no aldeamento de São Lourenço, quando Araribóia venceu os tamoios de Cabo Frio, aliados aos franceses” (80).

Dois anos mais tarde, em 1570, informa o mesmo **Alcântara Machado**.

“Quando Nóbrega, [em 18 de outubro], faleceu no Rio de Janeiro, por indicação sua, Gonçalo de Oliveira ficou como superior do Colégio, cargo que deve ter exercido até abril de 1573, quando, por ordem do provincial, Inácio de Tolosa, voltou a ser procurador, sendo substituído na direção pelo padre Brás Lourenço” (81).

Em 1573, três anos depois, no mês de novembro

“assinou, como testemunha, sendo, então, procurador do Colégio, o autor de posse da sesmaria dada a Araribóia” (82). E “ainda, em 1573, acompanhou o reitor à aldeia de São Lourenço, onde os padres, procurando casar os amancebados, passaram perigo de morte” (83).

E, também, dêste ano, a carta que está guardada na Biblioteca Nacional de Lisboa, de que, infelizmente, não tiramos cópia — tão breve foi a nossa missão cultural em Portugal, em 1964 —, escrita por comissão do padre Brás Lourenço, a 9 de novembro.

Em data não bem averiguada, ao que parece, entre 1574, ou fins de 1573 e 1583, acha-se fora da Companhia.

(79). — Op. cit., III, 1568, n. 132.

(80). — *Cartas Jesuíticas*, III, *Cartas, Informação do Padre Gonçalo de Oliveira*, págs. 459-460, nota 660.

(81). — Op. cit., ibid., ex *Hist. dos Col.*, págs. 129-131.

(82). — Id., ibid., ex *Rev. do Inst. Hist.*, XVII, pág. 307.

(83). — Id., ibid.

“Saiu, diz o padre **Serafim Leite**, com licença para ficar com a sua mãe, viúva” (84). Sabe-o por uma carta do visitador **Cristóvão de Gouveia**, filho do Pôrto”. Depois que a sua mãe morreu, retirou-se para uma fazenda, que herdara, confessou-se sempre com o padre **José de Anchieta**, fêz as boas obras, que pôde, ao Colégio, e afirmava que ainda havia de morrer na Companhia. Em novembro de 1584, antes do dia 5, chegou à cidade do Salvador o padre **Anchieta**, vindo de convalescer nas aldeias da Bahia, da grave enfermidade que o teve à morte. **Anchieta** trouxe consigo o padre **Gonçalo de Oliveira**, para ser readmitido na Companhia... Pediu para entrar nela há mais de um ano. O visitador dilatou-lhe a admissão. O principal obstáculo eram os seus bens: três ou quatro mil cruzados em terras, gados e escravos. Queria o visitador que os deixasse aos pobres; êle, ao Colégio. Afinal, depois de se nomear uma comissão, para examinar e decidir o assunto, prevaleceu a vontade do padre **Gonçalo**, e fêz doação pública de tudo ao Colégio da Bahia, de forma irrevogável. Tencionava o visitador levá-lo, agora, consigo, para o Rio de Janeiro para fazer lá a costumada provação” (85).

Para o conhecimento dêste assunto, grandeza dos seus bens, estorvos que se opuseram à sua doação, reentrada na Companhia, devem ser consultadas, além da carta do visitador padre portuense **Cristóvão de Gouveia**, resumida pelo padre **Serafim Leite**, outras fontes, como: **Fernão Cardim**, ministro do Colégio da Companhia em Évora (86); a “Informação”, do padre **Gonçalo de Oliveira**; e a “Resposta”, do padre **José de Anchieta** ao padre **Gonçalo de Oliveira**, que transcrevemos, na íntegra, abaixo.

“O tom com que estão redigidas tais informações — diz o padre **Serafim Leite** — fazia prever nova saída, que, de fato, se deu, pouco depois, antes de 21 de setembro de 1591. **Marçal Beliarte** conta o caso e acrescenta que lhe foram restituídos “todos os seus bens com aumento”.

(84). — Op. cit., pág. 140.

(85). — Op. cit., págs. 140-141.

(86). — *Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica... desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o padre Cristóvão de Gouveia*, “escrita em duas cartas ao padre-provincial em Portugal”, edição de Lisboa, 1847, págs. 29-30 e 78-79; ou *Tratados da Terra e Gente do Brasil, ou Introduções e Notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia*”, Rio de Janeiro, 1925, págs. 302-303, e nota XL.

Tornou a entrar na Companhia, por último e definitivamente, cumprindo-se, assim, as suas esperanças, em 1610 (87). Fonte, citada pelo padre **Serafim Leite**, de 1613, dá-o admitido no Colégio de Pernambuco, pela terceira vez (88).

Suas andanças, paradas prolongadas num lugar, constituição física, ao que parece, bem sadia, que o levou à idade provecta de nove decênios (1527... 1535-1620), são motivos dominantes, para que, sem, certamente, se esforçar, como **Mem de Sá** (89), no sentido de alcançar saliente fortuna, se visse um.

(87). — Op. cit., pág. 141.

(88). — Ibid.

(89). — **Mem de Sá**, terceiro governador-geral do Brasil, filho do cônego Gonçalo Mendes, da sé de Coimbra, e irmão do escritor Francisco Sá de Miranda, desembarcou, na Bahia, em 27 de dezembro de 1557, e, afi acabou os dias, à frente de seu cargo, em 2 de março de 1572. Foi o primeiro grande português-brasileiro de mão não furada, o que vale dizer de mão muito cheia. E não se tornou necessário grande cópia de anos. Foi bastante o tempo de cerca de quinze anos. O governador-geral não se descuidou; pelo contrário “cuidara com inteligência de sua fazenda” e “ao morrer, em 1572, era homem rico” (Pedro Calmon, *História do Brasil*, vol. I, ap. A. G. da Rocha Madahil, *Novos Documentos para a História de Mem de Sá, Governador-Geral do Brasil*, na revista *Brasília*, vol. VI, Coimbra, 1951, pág. 333). Para o conhecimento de seus vultosos bens, inventário, testamento, ruína depois da fortuna, veja-se, sobretudo, A. G. da Rocha Madahil, op. cit., págs. 331-392, onde reune abundante bibliografia. A respeito do inventário, que dá na íntegra, “Receita E Despesa De todo o tpô que. Estive. no Brasil”, diz: “...por fim, o Inventario da sua fazenda, peça de primeira ordem, não só para a compreensão da indispensável estrutura econômica da vida colonial dum grande Governador, tal como foi Mem de Sá, mas para o conhecimento da vida social da colônia no século XVI. O aspecto econômico das civilizações, base de toda a política equilibrada, só, modernamente, tem dominado as atenções dos historiadores, constituindo, agora, a nova orientação da História, indubitavelmente mais racional e humana do que a do tempo em que os feitos guerreiros, de bravura e de heroísmo, ocupavam o primeiro lugar nas biografias e na exaltação patriótica.” (op. cit., págs. 332-333). Veja-se, por exemplo, Armando Castro, *A Evolução Econômica de Portugal (Século XII a XV)*, obra de nossos dias. Após o translado da referida “Receita E Despesa”, que ocupa as páginas 339-388, diz A. G. da Rocha Madahil: “Terminam, aqui, as contas minuciosas de Antônio da Serra, como liquidatário que parece ter sido, em última análise, da casa colonial a que a atividade extraordinária e a sábia administração de Mem de Sá, no Brasil, haviam dado origem. O governor, comenta Sousa Viterbo [Estudos sobre Sá de Miranda — III — Mem de Sá...], fôra “um funcionário ilustre, mas, ao mesmo tempo, um fazendeiro de primeira ordem”. Um anátema, porém, parece ter pesado sempre sobre todo o seu esforço como chefe de família; em menos de vinte anos, se desvaneceu quanto arquitetara, para perpetuar casa e descendência... Não teve continuação o ambicionado morgadio por Ele instituído; não havia sobre quem recaisse; e, mais tarde, em 1618, tudo acabou por ingressar no avultadíssimo patrimônio da Companhia de Jesus”. O que sucedeu com Mem de Sá, o primeiro cruzado, relativamente ao tempo, na tentativa de conquista da área guanabarinha e fundação da cidade do Rio de Janeiro, e, também, dos mais heróicos, sucede, igualmente, com o padre Gonçalo de Oliveira, de cuja fazenda veio a ser pos-

homem abastadíssimo, ou, como se diz em linguagem moderna, um homem realizado, episódio que, é óbvio, não deveria agradar à Companhia que prescreve, desde o início de sua fundação, votos comuns a todos os religiosos, de pobreza, castidade e obediência (90). E havia o exemplo bem construtivo do padre **Manuel da Nóbrega**, falecido em 18 de outubro de 1570, de quem **Simão de Vasconcelos** escreveu:

“Que direi de sua religiosa pobreza? Seu enxoval era um brevíario, umas contas, um bordão, disciplina, cilício, e poucas outras peças semelhantes. A matalatagem dos caminhos era a providência do Céu, que nunca lhe faltou: qualquer comida para ele era banquete; ou fôsse as ervas do campo, ou legumes, e cuia de farinha que os índios lhe davam, tudo para ele era regalo...” (91).

Do trecho de **Fernão Cardim**, tangientemente ao modo que o padre **Gonçalo de Oliveira** recebeu, tão ricamente, o visitador **Cristóvão de Gouveia**, e ele mesmo **Fernão Cardim**, narrador da viagem, numa aldeia da Bahia, em janeiro de 1584, já falamos acima. Dêle demos parcela (92). E do trecho, adiante (93), acerca de sua readmissão na Companhia e, ainda, de sua avantajada fazenda, e ato de desobediência, igualmente falamos.

\* \* \*

---

seira — e diga-se não sem grandes embaraços do doador, muito cauteloso e desconfiado — a mesma Companhia de Jesus.

Os bens, pois, de **Mem de Sá** e **Gonçalo de Oliveira** têm o mesmo destino. Fazia averiguar qual dos dois era posseiro de maior fazenda. Se o tempo, quando mais dilatado, ajuda, seria, então, o padre **Gonçalo de Oliveira**, que chegou ao Brasil, muito novo, talvez em menino, e morreu nêle em 1620. Uma coisa vamos dizer, e terminamos, sem que desejemos com isso fazer ironia: muito cedo começaram a fazer-se grandes fortunas no Brasil!

(90). — Veja-se, por exemplo, **Baltazar Teles**, *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal...*, Lisboa, 1645-1647, I, págs. 119-124. Sobre motivos preponderantes que levavam à saída da Companhia, veja-se o padre **Serafim Leite**, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938, tomo IV, cap. II, Recrutamento, pág. 424 e segs. Aí se fala, pág. 451, de dois jesuítas que, embora tenham saído da Companhia, a ela reingressaram: o padre **Gonçalo de Oliveira** e o padre **Jerônimo Machado**.

(91). — *Op. cit.*, IV, pág. 473.

(92). — Vêde nota 62.

(93). — Vêde nota 66.

**Informação do padre Gonçalo de Oliveira.**

“Jesus.

O que Vossa Reverendíssima me mandou que lhe apon-tasse por lembrança.

Pera [sic] se informar do padre **Joseph** [sic] [padre **José de Anchieta**] no Espírito Santo o seguinte:

Primeiramente, tratando de entrar na Companhia com o padre **Joseph**, sempre lhe disse que o que tinha não hou-vera de dar a outrem senão aos padres e irmãos, mas por doação que não havia de ser senão depois de admitido nela por profissão ou coadjutor.

Mandando-me que viesse, certo dia, ao Colégio, vi sô-bre él ter tratado sôbre o negócio com o padre-visitador [**Cristóvão de Gouveia**] que me houve por recebido, e, sem se tratar sôbre a disposição da fazenda então, mandou vir escrivão que fizesse, logo, a escritura; no que, o padre **Joseph**, vendo-me enleado, me disse que me fiasse, seguramente, do padre-visitador, no que não repliquei, cuidando ter com él tratado o necessário.

Dali, a três ou quatro dias, indo o mesmo padre **Joseph**, o padre **Luis da Fonseca**, reitor, com escrivão, to-mar posse, disse-lhe que não estava nada satisfeito de muitas condições, que o padre-viistador pusera na escritura que se fizera, e, em especial, daquela que expressa-va tanto, scilicet: que, sendo caso que a Companhia me despedisse, que não seria obrigada a me tornar causa al-guma do meu; sendo o contrário do que sempre com él tratara, scilicet: que não houvera de doar o meu senão depois de professo, e que, se acertassem de me despedir an-tes disso, se me tornasse e não ficasse perdido. E que, por esta causa, reclamava contra a escritura e condições que nela iam e que, no auto da posse, havia de declarar como nunca entendera, nem fôra minha intenção doar o meu por escritura, e dar posse dêle que fôsse valiosa, depois de fazer profissão, como já tinha dito; e que, assim, com esta declaração, assinaria a posse e de outra maneira não.

Padre **Joseph** me respondeu estas formais palavras, acabando por me confessar com él haver tratado o que tenho dito, scilicet: que não pusesse a tal declaração nem condição na posse e que, dentro em 3 meses, eu seria ad-mitido a votos de coadjutor. Repliquei-lhe sôbre isso, di-zendo que olhasse Sua Reverendíssima bem o que me di-zia e prometia, e que tomava suas palavras por escritura pública, e que lhe declarava que outros nenhuns votos havia de fazer, e que, se me não cumpría o que me dizia, que seria me atar e desinquietar. Ele me respondeu que não haveria nisso falta' alguma. Disse-lhe: Pois olhe Vos-

sa Reverendíssima que me confio de suas palavras, e, com isso, assino o auto de posse, sem declaração nenhuma. E assinara sete mil escrituras, outras de mais importância sobre sua palavra, que sempre cri e a que sempre tive muito crédito.

Item, em minha casa lhe disse que tinha necessidade de um môço pera [sic] me servir. Disse-me que, quando um não bastasse, que seriam dois. E dois levei comigo. O que serviu 3 anos melhor, depois que fomos pera o Rio de Janeiro, casaram-o [sic] os padres lá e da capitania do Espírito Santo o tornou o padre **Joseph** a mandar pera sua mulher. E mandou vir o segundo que mandou comigo, por ver a extrema necessidade que dêle tinha, que é êste que digo que Vossa Reverendíssima e o padre-visitador e o reitor me tiraram, tirando-me, com isso, a vida juntamente.

Item, pedi ao padre que me não entregasse a superior que me desinquietasse, e, em especial, ao padre **Inácio Tolosa**, não por sua pessoa, que êle é homem santo, mas por amor das informações do padre **Martim da Rocha**, etc.

Item, que não havia de me apartar de si e de sua companhia. Ele me disse que, enquanto vivêssemos, estariamos ambos respeitando minha quietação e bem espiritual, por me haver criado e eu lhe ter sempre amor de pai verdadeiro.

Isto é e disto se poderá Vossa Reverendíssima se informar, que eu creio que o padre **Joseph** dirá diante de Deus o que nisto passa, pois é verdade e importa a quietação minha na Companhia. Que, pera bem, já que eu vinha pera onde êle me mandava e deixava logo, eu me houvera de prover de papel seu, pera que, sucedendo as cousas como sucederam, me valer dêle, mas, até nisso, fui confiado e fiz mal a mim mesmo" (94).

\*

\* \* \*

#### Resposta do padre Joseph de Anchieta ao padre Gonçalo de Oliveira.

"Jesus.

O padre Gonçalo de Oliveira muito tempo me importunou pera [sic] entrar na Companhia, e eu o diverti disto quanto pude, por me parecer ou quase ter por certo

(94). — *Cartas Jesuíticas*, III..., ed. cit., págs. 457-459; cf. notas de Alcântara Machado, págs. 459-462. Esta "Informação" foi, antes, publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, XIX, págs. 64-65.

que teria as inquietações e trabalhos que, agora, tem. O mesmo pediu por si, e por mim e pelo padre **Luís da Fonseca**, ao padre-visitador, o qual lhe disse, por vêzes, que desse, primeiro, fazenda a seus parentes [no texto a se ut parentes] ou outros pobres (95) e que, com isso, o receberia, e, como êle instasse que a não havia de dar senão aos pobres da Companhia: tandem [isto é, finalmente], foi admitido, sem nenhuma condição de se lhe haver de dar profissão nem votos de coadjutor espiritual, e pôsto que êle isto pedia, pera ficar mais atado e não poder, depois, qualquer provincial despedi-lo, e êle ficar perdido e sem fazenda, o assegurei que entrasse liberalmente, que daí a três meses, querendo fazer, que, facilmente, e dali a pouco tempo, lhe concederia o padre-visitador votos de coadjutor espiritual que bastava pera o que êle queria (96).

Tratando o padre-visitador de seu recebimento com os consultores, a todos pareceu bem que se recebesse e que se lhe podia conceder o que pedia, pois fazia tão grande mudança, mas não acertando-lhe essa condição, como, de fato, não se lhe acertou, mas dando-lhe esperanças, como se lhe deram, pelo padre-visitador, mandando-o vir ao cubículo, onde, depois de tratar tudo isto, com êle diante dos consultores, o recebeu e se fêz, logo, escritura de doação, consentindo êle em tôdas as cláusulas que nela se puseram.

Fêz-se, dali a 2 ou 3 dias, o autor da posse em Ipatinga, a qual êle deu mui liberal e alegremente, dizendo ao escrivão que, antes de tudo, o entregasse a êle à Companhia. E, quanto ao que diz da reclamação, respondo que não sou lembrado das palavras formais que passamos, mas tenho por certo que me dizia, porque essa e muitas vêzes repetiu o mesmo, não se atrevendo a largar o seu, sem certa esperança do que pedia. Mas, assegurando-se em minha palavra, concedeu tudo sem condição alguma nem reclamação, mas de tal maneira que, se não [no texto senão] tivera esta esperança certa, creio, sem dúvida alguma, que nunca fizera a tal doação, porque (como êle diz) tinha minhas palavras por tão fixas como escritura pública e, com esta segura confiança, se entregou com quanto tinha.

Dali a pouco tempo, partimos pera [sic] o Rio de Janeiro, onde, dia de São Pedro e São Paulo, estando êle presente à renovação dos votos, lhe meteu o padre mi-

(95). — O padre Serafim Leite fêz, antes, a mesma correção (Páginas..., pág. 141).

(96). — Isto é, como coadjutor espiritual ou como professo, só poderia ser despedido da Companhia por ordem do geral e por motivos muito graves.

...nistro **Alardo da Rocha** (97) o papel dêles na mão, cuidando, singelamente, que, também, êle havia de renovar. O qual causou ao padre **Oliveira** grande perturbação, dizendo que lhe queriam lançar o laço na garganta, tendo êle dito, muitas vêzes, (como é verdade), que nenhuns outros votos havia de fazer senão de profissão ou, pelo menos, de coadjutor espiritual.

Dando êle, então, conta ao padre visitador, e tratando sobre sua profissão, lhe disse o padre visitador que, se fizesse votos de coadjutor, **nunquam**, passaria dali e que êle esperava de lhe haver licença, pera [sic] profissão, do padre-geral e que, entretanto, fizesse os votos simples. Confiado êle nisto, ainda que sempre arrecooso, os fêz, logo, por ordem do dito padre, dia da Visitação de Nossa Senhora [2 de julho], dizendo eu a missa e estando o padre **Fernão Cardim** sómente presente, e isto **in ordine ad professionem**, porque, sem isso, não os houvera de fazer.

Isto concluído, me mandou o padre visitador fazer uma informação dos merecimentos do padre **Gonçalo de Oliveira** na Companhia, assim da tempo, que esteve nela, como depois de despedido, etc., a qual se fêz larga, e sobre ela tomou os pareceres dos consultores se se pediria ao padre-geral profissão de três votos (98) pera êle; e, parecendo a todos que sim, vista sua grande mudança e conversão, o assinaram.

O dar-se-lhe esperança de o tratar conforme a necessidade de suas enfermidades, e que o não deixariam em poder de superior que o desinquietasse, importa pouco, pois, na Companhia, se usa isso com todos, e onde se lhe dava tão certa esperança do principal também se lhe deu destas e se lhe cumpriu, quanto foi possível, conforme as constituições da Companhia, todo o tempo que esteve por estas partes do Rio de Janeiro, até que tornou à Bahia.

Brasil, 1590" (99).

\*  
\*   \*

#### Carta de Gonçalo de Oliveira sobre o Rio de Janeiro e região da Guanabara (1570).

“† Jesus, Maria. Mui Reverendo em Cristo Padre. **Pax Christi.** — Tudo o que, ainda agora, dêste Rio de Janeiro se pode escrever a Vossa Paternidade em compara-

(97). — Assim, **Alardo**, talvez por **Martim** ou **Martinho**, que chegou ao Brasil com o provincial **Inácio de Tolosa**, em 23 de abril de 1572, onde surge com o cargo de ministro do Colégio, em novembro de 1573.

(98). — Os votos, acima referidos, de pobreza, castidade e obediência. Vêde nota 90.

(99). — **Cartas Jesuíticas**, III..., ed. cit., págs. 463-465.

ção das muitas e boas novas que doutras partes lhe irão, se pode chamar mais fruta verde e imperfeita, que outra cousa. Mas, como é cousa mandada pela obediência, cuido que, agora, a trará Nossa Senhor a tempo de perfeição, por orações de Vossa Paternidade.

Primeiramente, estamos, nesta casa, 3 padres, scilicet, o padre **Manuel da Nóbrega**, superior, e o padre **Luís** e eu, todos ao presente, pela [pola, no texto] bondade de Deus, de saúde. Ainda que o padre **Manuel da Nóbrega**, como é já muito velho e quebrado dos muitos trabalhos que, nestas terras, tem levado, se anda são um mês, logo o paga em doenças que lhe acodem, como pouco tempo há lhe acidiu tão fortemente que cuidamos que fôsse a derradeira, porque, depois duma rija cólica, lhe deram câmaras que o puseram na hora da morte (100). E, porém, faltando todos os remédios da física, nesta terra, não falta o de Deus, que, nos tais tempos, acode, olhando a falta que fará sua morte, onde tão poucos há.

Os exercícios, em que se ocupam, são os acostumados da Companhia com o próximo. Prega o padre as vêzes que a doença lhe dá lugar, ora na sé, ora em nossa igreja, e dêste trabalho sempre se segue fruto [no texto fruto] às almas. E para [no texto pera] a pouca gente que há na terra, acodem arrazoadamente [no texto arrezoadamente] às confissões. Não falo na escravaria, porque essa parece que leva vantagem aos senhores nesta parte e no acudir à doutrina.

Temos uma igreja de São Lourenço (101), daqui uma légua, na aldeia de **Martim Afonso Araribóia**, de muita gente Temiminó, tôda cristã, na qual, ainda que se não reside de continuo, por falta de companheiros, é visitada por um dos padres, língua, a miúdo, que lhe diz missa todos os domingos e santos [sic], onde lhe[s] faz suas doutrinas e práticas de Deus. E o que muito nos consola é vê-los perseverar na vida, que tomaram, sem faltar a suas missas e doutrinas, como se nisso se criaram tôda a vida.

Ajudam muito a isto o ser principal **Martim Afonso**, muito bom, que no conhecimento de Deus e mais costumou lhe não fazer vantagem nenhum branco. A este conhecem os seus por capitão e têm obediência e respeito como

(100). — Cf. padre Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, ed. cit., tomo II, pág. 463.

(101). — Veja-se o que, sobre o assunto, escreveu o padre Serafim Leite: "A nova aldeia recebeu o nome de São Lourenço e nela edificou igreja o padre Gonçalo de Oliveira, seu primeiro apóstolo e que nos dá também dela, em 1570, as primeiras notícias". (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa-Rio de Janeiro, I, pág. 424).

a pai. Poucos dias há que o casaram com uma mamaluca [sic], filha de branco, com muito contentamento de tôda a gente assim [no texto assi] portuguêsa como temimino. Ao dia em que o haviam de casar, veio êle, com tôda a sua potência, da sua aldeia, mui galante, por mar, em seis canoas grandes e bem equipadas de gente luzida, com grande festa. E da cidade saiu o capitão com tôda a gente e aguardá-lo no pôrto; e daí o trouxe à sé, onde ouvi missa e recebeu o Santíssimo Sacramento da mão do vigário, que os recebeu com tôda a solenidade. E, depois disso, o foi embarcar o capitão, com tôda a cidade, mandando disparar algumas peças de artilharia. Foram alguns portuguêses acompanhadôs com suas mulheres até à aldeia, onde tinha grande banquete aparelhado e se deu fim às festas.

Este ano, morreram muitos inocentes, nesta aldeia, e muitos adultos, todos pela [pola no texto] bondade do Senhor, batizados e os que eram já para [no texto pera]) isso, confessados, com tão bons sinais de cristãos, que era muito para louvar a Nossa Senhor. E, finalmente, esta acho que é a melhor [no texto melhor] parte que nos cabe neste Rio, por ser o fruto [no texto fruito] mais certo e o trabalho bem empregado.

Ao padre que os tem a cárrego têm muita obediência e amor; não há vez nenhuma que lá vá que não recebam com muita alegria e seus *ereiupe paigoe* (?) E, ouvindo tanger, acodem, com diligência a ouvir a palavra de Deus, cujo nome seja para sempre louvado.

Confessou-se tôda esta aldeia, passada a Páscoa, com devoção. E, assim [no texto assi], por duas vêzes que o padre-provincial [Luís da Grã] baptizou e casou a muitos no tempo que, aqui, esteve, como desta terceira vez em que se baptizaram e casaram os que, então, se não puderam aparelhar, se enxergou grande fervor nêles e vivos desejos de sua salvação, que era cousa de assim [assi, no texto] o padre-provincial como o padre, que os instruia, acharem leve todo o trabalho, que, então, passaram, que foi mui grande. E, neste visitar, se passaram muitas lamas e chuvas, por caminhos molhados, descalços e bem mortos de fome, que é cousa mui saborosa nestas partes, por amor de Cristo Crucificado.

Poucos dias há que se mandou um padre, daqui algumas léguas, a uma aldeia de tamoios [no texto Tamuios], onde foi recebido com grande festa e prazer de tôda a gente, assim [no texto, assi] homens como mulheres, meninos e meninas, que todos o vieram a visitar com suas ofertas e seus *ereiupe xeramuum* (?). E, falando-lhes nas cousas de Deus, havia muitos que lhe vinham, depois, a

perguntar pelo [no texto, polo] que havia dito e pediam-lhe que lhes ensinasse as cousas verdadeiras, com que folgavam muito. Ensinou a doutrina os dias que lá esteve, a que se ajuntava grande soma de meninos, afora a mais gente. Um menino tamoio [no texto Tamuio] veio a tomar tanto amor ao padre que se determinou vir com ele; e para [no texto, pera] isto pediu ao mesmo padre que rogasse a seu pai e mãe que o deixasse ir. Anda, agora, nesta casa, aprendendo a doutrina, para [no texto, pera], com ele, pescarmos outros muitos, que o Senhor tem predestinados para o Céu. Baptizou [no texto, bautizou], lá, o padre duas crianças, que estavam para morrer, que, daí a poucos dias, se foram para o Céu.

Quanto ao material desta casa está ainda por acabar todo o começado. Até uma casa, que deixou já principiada o padre **Inácio de Azevedo**, para [no texto, pera], que, por, entretanto, se recolhessem nela os padres, está coberta de telhas; e, à mingua de carpinteiro e tabuado, não é acabada. Até agora, estamos ainda recolhidos em uma casinha, que será do tamanho de dous cubículos, e nela cabemos com tudo o que temos, que sempre nos cheira a santa pobreza por estarmos faltos de tudo que nem farinha para [no texto, pera] hóstias, nem vinho para [no texto, pera] missas tinhamos, senão [sic] nos socorrera o padre-provincial, quando ia da capitania do Espírito Santo, com uma esmola, por entretanto.

Quanto à terra, até agora, esteve em guerra, mas, já agora, pela [no texto, pola] bondade de Deus, começam os tamoios [Tamuios, no texto] a pedir pazes, e a alguns as tem já dado o capitão e a outros as dilata, para [no texto, pera] maior bem. Alguns saltos fizeram, neste tempo que estavam elevados em a gente da nossa parte. E, porém, êles sempre ficaram com a pior. Agora, prazerá a Nossa Senhor que ficarão com estas pazes fixos, para [no texto, pera] que muitos dêstes se salvem, como esperamos.

Uma grande perda recebeu a terra, êste ano, que foi apodrecerem quase todos os mantimentos, por causa das grandes chuvás, enchentes e enxurradas, que houve, que parece que queria ser outro segundo dilúvio, que queria alagar a terra. Esta perda abrangeu a brancos e a índios, que pôs a terra em algum apêrto de fome. E, porém, como é êste Rio fértil não se sentiu tanto quanto se sentia em outras partes.

Muitas cousas outras houvera que apontar e, porém, a pressa dêste navio, que acertou de tomar êste pôrto aca-so, não dá lugar a mais que, por remate de tudo, nos encomendarmos em as orações e santa bênção de Vossa Paternidade, cuja vida o Senhor nos conserve para [no tex-

to, peral amparo nosso e aumento de sua santa Companhia. Desta casa de São Segastião do Rio de Janeiro, a 21 de maio de 1570 anos. ,

Por comissão do padre **Manuel da Nóbrega**. De Vossa Paternidade filius indignissimus — **Gonçalo de Oliveira**.

[Fora] Ao mui Reverendo em Cristo padre, o padre **Francisco de Borja**, Nosso padre-geral da Companhia de Jesus. Em Roma. Do Rio de Janeiro" (102).

A carta de **Gonçalo de Oliveira**, ainda que pequena, é valiosíssima, tanto por conter matérias que se vêm em outros escritos coevos, pertinentemente ao alto sentimento religioso dos escravos, igreja de São Lourenço, **Martim Afonso Araribóia**, festas típicas do mar, de tradição lusa, liberdade de conjugação entre as várias raças, etc., como por ser diminutíssima a comunicação epistolar no período dos dez anos, entre 1565 e 1575.

Descrição, que muito se assemelha à da carta de **Gonçalo de Oliveira**, é a seguinte, de **Fernão Cardim**, de poucos anos depois, texto de muito vivo colorido social, vetusto carioquismo que desenha e projeta viveiros de mimosas promessas para o futuro:

"Do Espírito Santo partimos para o Rio de Janeiro... e aos 20, véspera de São Tomé, arribamos ao Rio. Fomos recebidos do padre **Inácio Tolosa**, reitor, e mais padres, e do sr. governador, que manco de um pé com os principais da terra veio, logo, à praia, com muita alegria, e os da fortaleza, também, a mostraram com a salva de sua artilharia. Neste colégio, tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. Também, cá, Nosso Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas [no texto, aventajadas]). O irmão **Barnabé** [no texto, Bernabé] **Telo** fêz a lapa, e às noites nos alegrava com seu birmimbau. Trouxemos, no navio, uma relíquia do glorioso Sebastião, engastada em um braço de prata. Esta ficou, no navio, para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser êle o padroeiro e protetor. Uma das oitavas, à tarde, fêz uma célebre festa. O sr. governador com os mais portuguêses fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros e bandeiras foram à praia. O padre visitador com o mesmo governador e os principais da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada. Ne-

(102). — Serafim Leite, Páginas de História do Brasil, ed. cit., págs. 142-146.

la se armou um altar e alcatifou a tolda com um pálio por cima. Acudiram algumas vinte canoas bem equipadas, algumas delas pintadas, outras empenadas, e os ramos de várias côres. Entre elas vinha **Martim Afonso**, comendador de Cristo, índio antigo abaetê e moçacara, sc., grande cavaleiro e valente, que ajudou muito os portuguêses na tomada dêste Rio. Houve, no mar, grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e frautas [sic], com grande grita dos índios; e os portuguêses da terra, com sua arcabuzaria, e, também, os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa. Com esta festa, andamos barlaventeando um pouco à vela, e a santa relíquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande aparato de velas acesas, música de canto de órgão, etc. Desembarcando viemos em procissão até à misericórdia, que está junto da praia, com a relíquia debaixo do pálio. As varas, levaram os da câmara, cidadãos principais, antigos, e conquistadores daquela terra. Estava um teatro à porta da misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa relíquia se pôs sobre um rico altar, enquanto se representou um devoto diálogo do martírio do santo, com côros e várias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um môço atado a um pau. Causou êste espetáculo muitas lágrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martírio do santo (103). Nem faltou mulher que viesse à festa. Por onde, acabado o diálogo, por a nossa igreja ser pequena, lhe preguei, no mesmo teatro, dos milagres e mercês, que tinham recebido dêste glorioso mártir na tomada dêste Rio, a qual, acabada, deu o padre-visitador a beijar a relíquia a todo o povo e, depois, continuamos com a procissão e dança até nossa igreja; era para ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito anos, todos nuzinhos, pintados de certas côres aprazíveis com seus cascavéis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças, com várias invenções de diademas de penas, colares e braceletes. Parece-me que se os viram, nesse reino, que andaram, todo o dia, atrás dêles [no texto, êles]. Foi a mais aprazível dança que dêstes meninos cá vi. Chegados à igreja, foi a santa relíquia colocada no sacrário, para consolação dos moradores, que, assim, o pediram. Têm os padres duas aldeias de índios, uma delas de São Lourenço, uma légua da cidade por mar, e a outra de São Barnabé, 7 léguas, também, por mar. Terão ambas três mil índios cristãos. Foi o padre-visitador à de São Lourenço, aonde residem os pa-

(103). — Valioso texto para o estudo do teatro litúrgico quinhentista, que segue a tradição do teatro religioso medieval. Vêde a minha Pequena Introdução às Obras de Gil Vicente.

dres, e dia dos Reis lhe [sic] disse missa cantada, officiada pelos índios em canto de órgão com suas frautas [sic]. Casou alguns em lei da graça, e deu a comunhão a outros poucos. Eu baptizei dois adultos sómente, por os mais serem todos cristãos”.

“A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma baía que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do mundo, Deus Nossa Senhor... tem 150 vizinhos com seu vigário, e muita escravaria da terra”.

“Os padres têm, aqui, o melhor sítio da cidade; têm grande vista com tôda esta enseada defronte das janelas; têm começado o edifício novo; e têm já 13 cubículos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na boa vista; são forrados de cedro; a igreja é pequena, de taipa velha; agora, se começa a nova de pedra e cal... a cerca é cousa fermosa [sic]... o refeitório é bem provido do necessário... o pescado é vário e muito... e, com um tostão, se farta tôda a casa, e residem nela 28 padres e irmãos, afora a gente, que é muita, e para todos há. Duvidava ou qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se este, e não me sei determinar...” (104).

\* \* \*

#### ADENDA.

Autor que não pode deixar de ser referido, e, por pouco, nos íamos esquecendo dêle, é **Eduardo Tourinho, Revelação do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 1964. O padre Gonçalo de Oliveira é, aí, citado, nas páginas: 48, atinentemente à casa-igreja da invocação de São Sebastião; 49, sobre a sesmaria de Iguaçu; 52, no que tange aos seus grandes bens:

“Era êsse clérigo apegado aos bens materiais. Após ter sido reitor e procurador do Colégio do Rio de Janeiro, deixou a Companhia de Jesus. Transferiu-se para a Bahia, e, na Bahia, se tornou próspero. Em 1584, na sua fazenda de Santo Amaro de Ipitanga, ofereceu ao provincial, ao visitador, a padres e irmãos jesuítas banquetes de aves e caças servidas em porcelana da Índia e baixela de prata”;

55, tocantemente à sua assistência à morte de **Estácio de Sá**; 65, acerca da Casa e Hospital da Misericórdia; 88, pertinen-

(104). — **Narrativa Epistolar...**, ed. cit., págs. 89-93. Confronte-se o que, similmente, escreve, a respeito do assunto, **José de Anchieta, Cartas...**, págs. 419-421.

temente à sua atividade de capelão-militar, espírito heróico, e principal incentivador da dotação do Colégio do Rio de Janeiro:

“Mas o sopro de caridade e renúncia que animava a alta geração de que participaram Vieira, Antônio de Sá, São João de Vasconcelos, Diogo Machado, Filipe Bettendorf, não se refletia no padre Gonçalo de Oliveira que, na Ponta da Cara de Cão, permanecera, junto de Estácio de Sá, quando Anchieta, a receber sacerdotais, seguiu para a Bahia. E, assim, que, entre as primeiras dadas de terra, feitas pelo fundador da Cidade, está a que esse padre requereu e obteve para sustentação do Colégio a fazer-se. Essas terras eram “desta cidade léguas e meia, a qual chamam Iguacu”.

Concernentemente a este assunto, escreveu o padre Serafim Leite:

“No dia 1 de julho de 1565 [o padre Gonçalo de Oliveira] recebeu de Estácio de Sá, para o futuro colégio do Rio, e, em nome do padre Nóbrega, uma águia “que poderá estar léguas e meia desta cidade [referência à cidade estacioniana, entre o morro do Pão de Açúcar e o morro da Cara de Cão], a qual chamam Iguacu... do nascimento dela, donde entra na baía, para a banda do nordeste, até à tapera que chamam Inhaum, outro tanto em quadra”. A doação feita, assim, em térmos vagos, e de terras pouco conhecidas, suscitou dúvidas. Procedeu-se, pois, às devidas demarcações, cujos trâmites e locais se descrevem minuciosamente. Fêz parte das testemunhas inquiridas Martin Afonso, “índio do hábito de Cristo”. Presidiu à tudo Gonçalo de Oliveira que assina os autos finais em 1574 (Bras. XI, ff. 416-423)”.

Outro livro, que acaba de sair dos prelos, onde se vêem tênuas referências ao padre Gonçalo de Oliveira, é o de José de Melo Pimenta, *Fundação do Rio de Janeiro*, 1965.

Na revista Aquarela, n.º 17, *IV Centenário do Rio de Janeiro*, 1965, vem Ari Parreira, e não Antônio Parreira, como pintor do quadro “Morte de Estácio de Sá”.

Outro livro, em que não achamos nenhuma referência ao padre Gonçalo de Oliveira, é o de João Guimarães, *Rio, Quatro Séculos de Mocidade*, Rio, 1965. E, apesar desta omissão, um livro agradável e proveitosíssimo.

ARLINDO DE SOUSA